







GRUPO  
DE BAGÉ  
Os Quatro

Carlos Scliar  
Danúbio Gonçalves  
Glauco Rodrigues  
Glênio Bianchetti



30 de novembro de 2019 - 1º de março de 2020

## Conselheiros

Jorge Gerdau Johannpeter  
*Presidente*

Arthur Bender Filho

Beatriz Bier Johannpeter

Fábio Brun Goldschmidt

Fernando Antônio Lucchese

Fernando Luís Schüller

Hermes Gazzola

Jayme Sirotsky

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Nelson Pacheco Sirotsky

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Tárik Potthoff

Wagner L. dos Santos Machado

William Ling

## Conselho Fiscal

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Pedro Paulo Oliveira de Sá Peixoto

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

## Diretores

Justo Werlang  
*Diretor-Presidente*

Mathias Kisslinger Rodrigues  
*Vice-Presidente*

Antônio Augusto Pinent Tigre

Anik Ferreira Suzuki

Carlos Cesar Pilla

Daniel Skowronsky

Ingrid de Kroes

Patrick Lucchese

Pedro Domingues Chagas

## EQUIPE

### Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

### Superintendência-Executiva

Robson Bento Outeiro

### Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

### Educativo

Lêda Fonseca, consultora

Larissa Fauri, coordenadora

Omar Flores, agendamento

Sofia Rossatto, mediadora

Bruna Chiesa, mediadora

Carolina Kneipp, mediadora

Gabriel Farias, mediador

Jordana Lima, mediadora

Kailã de Oliveira Isaías, mediadora

Marina Feldens Malcon, mediadora

### Patrocínio e Parcerias

Bruna Stern

Gabriela Magagnin

### Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral, coordenação

Arthur Marques

### Gestão do site e TI

Machado TI

### Administrativo/Financeiro

Carolina Miranda Dorneles

Joice Souza

### Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

### Clube Iberê

Maria Luiza Sacknies

### Operacional

Dudu Lorenzetti

Fernanda Marczak, assistente

### Produção

Thiago Araujo

### Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpatto, consultor

Arnaldo Henrique Michel, encarregado

Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

### Secretaria

Luciane Zwetsch

### Zeladoria

Maria Lunardi

### Receptivo

Henrique Ferrari

### Orientação de Público

Amanda Patron

Elisa Ziegler

Laura Palma

Maycon Freitas

## EXPOSIÇÃO

### Grupo de Bagé

#### Os Quatro

#### Curadoria

Carolina Grippa

Caroline Hädrich

#### Transportadora

Atlantis

Bela Vista

Poaexpress

#### Seguro

Affinite / Chubb

#### Laudos

Carmem Barros / Bagé

Carla Mabel / Brasília

Elisa Malcon / Porto Alegre

Gustavo Possamai / Porto Alegre

Paula Curado / Rio de Janeiro

Rita Torquete / São Paulo

#### Conservação

Angelita Vargas Peixoto (documentos)

Naida Maria Vieira Corrêa (obras)

#### Fotógrafos

Carlos Stein / RS

Fábio Del Re / RS

Fernando Zago / RS

Felipe Bastos / DF

Isabella Matheus / SP

Marcelo Del Rei / RJ

Raul Holtz / RS

#### Montagem

Croncreção

#### Execução de

#### Mobiliário Expositivo

Galpão Makers

#### Catálogo e

#### Comunicação Visual

POMO Estúdio

#### Produção e

#### Realização

Fundação Iberê

Em Bagé, quando conheci Carlos Scliar em 1976, aconteceu um divisor de águas na minha vida pessoal e profissional - o antes e o depois deste encontro. Fascinado pelas palavras do mestre Scliar, lembro das primeiras lições de compromisso social que recebi. Dele, o único dos quatro que não era de Bagé.

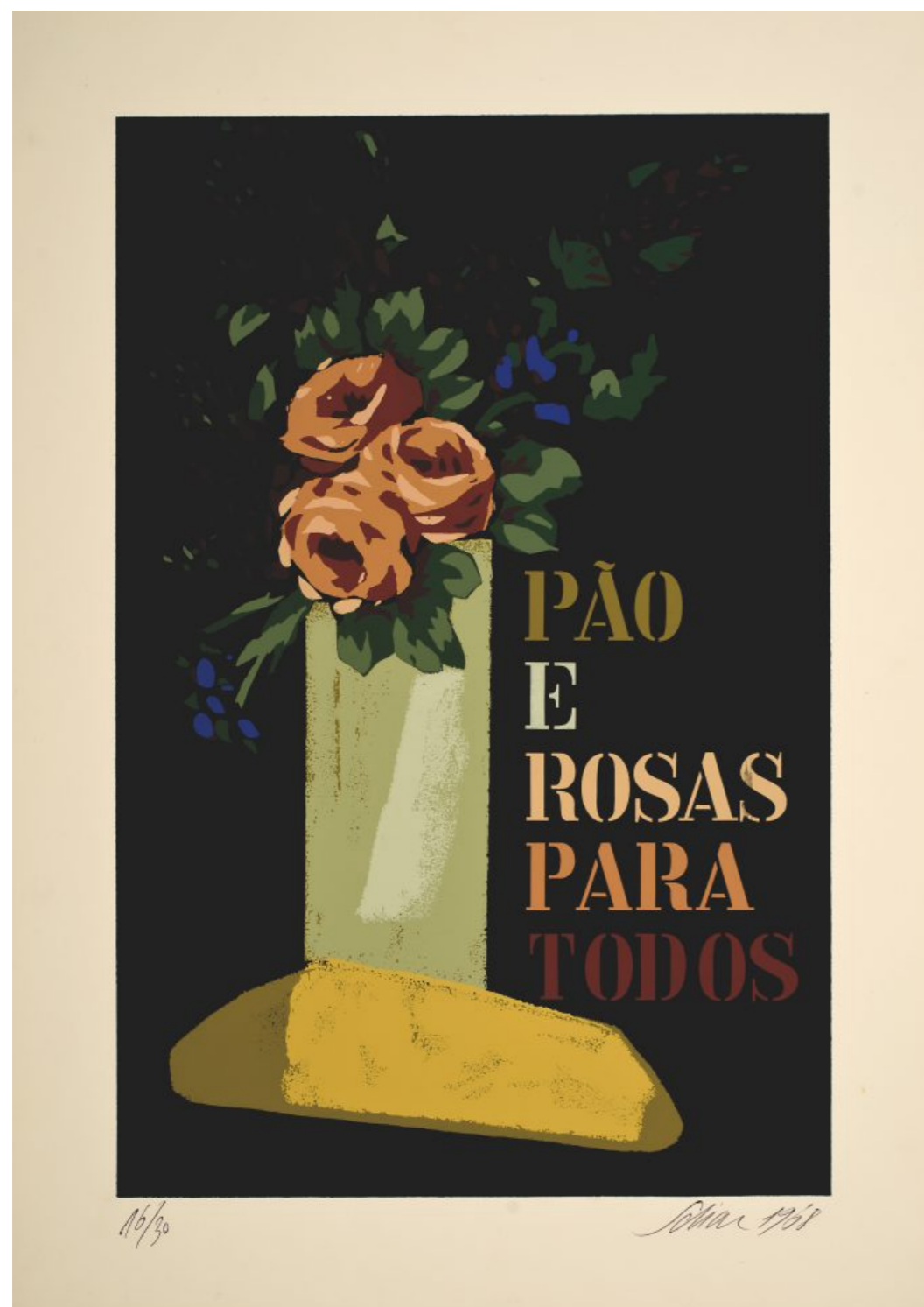
Participei desta segunda edição do Grupo de Bagé como um jovem produtor voluntário, mais no estilo babá. Tinha que atender as necessidades dos ilustres convidados, a grande maioria hospedada nas fazendas da Rainha da Fronteira, onde produziram trabalhos ou matrizes para uma futura obra. Acompanhando este mundo novo e totalmente desconhecido por mim, me aproximei não só do Scliar, mas do Glauco e tantos outros convidados dos Quatro. Eles vieram acompanhados, trazendo colegas de profissão, que produziram obras sensibilizados pela vida nos pampas da fronteira gaúcha, dando continuidade ao projeto inicial de quase trinta anos atrás.

No ano seguinte, quando deixo o Rio Grande do Sul e me instalo em Belo Horizonte, fazendo parte do Grupo Corpo, Carlos Scliar me convida para um almoço em Ouro Preto, onde continuamos nossa conversa que muito me interessou em Bagé - o respeito pela memória e pela qualidade de vida que cerca esta memória. Vi a luta do Scliar na preservação daquela cidade histórica mineira, que fiscalizava pela janela do atelier, de onde ele tinha uma vista privilegiada. Depois acompanhei a sua luta pelo Parque Lage no Rio de Janeiro, onde tive a oportunidade de conhecer um importante grupo de intelectuais e artistas, todos envolvidos na defesa e manutenção da instituição. Pouco tempo depois vou até sua casa/ateliê em Cabo Frio, onde da janela se via um conjunto de lindas castanheiras, barcos de pescadores, e a vida que passava. Tudo isto está na obra do mestre. Este olhar aguçado me acompanha até hoje. A memória que nos ajuda a construir o futuro.

Este relato só está posto para ilustrar o que me incentivou a promover, na Fundação Iberê, um pouco deste importante movimento coletivo que aconteceu aqui, no Rio Grande do Sul, e que, na sua origem, só existiu com a preocupação de documentar atividades e paisagens que já poderiam estar no caminho do esquecimento e da extinção. Isto tudo nos anos 40 e 50, quando temas como este ainda não estavam na pauta do dia e o mundo parecia materialmente eterno.

Quero agradecer, em nome da Fundação Iberê, a confiança e o apoio dos colecionadores e das instituições que nos ajudaram na construção deste projeto. Agradecer também a acolhida de todos, a dedicação das curadoras, à equipe da Fundação. Todos incansáveis na busca do melhor de cada etapa.

Emilio Kalil



**Carlos Scliar**  
sem título, 1968  
Serigrafia sobre papel, 58,5 x 37,4 cm  
Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli  
Aquisição por doação do artista, 1984

## GRUPO DE BAGÉ OS QUATRO

Uma espontânea mas bem executada mistura de temas universais e modernos, elaborados a partir da experiência e da representação de aspectos regionais, é o que caracteriza e une o trabalho dos quatro artistas, que, mais por sua proximidade e camaradagem do que propriamente por um desejo de formar um movimento com uniformidade estética, ficou conhecido como Grupo de Bagé. Um grupo de pessoas muito talentosas, que o acaso uniu, criou um trabalho tão sólido que a passagem do tempo apenas renova seu interesse.

Na Bagé da metade da década de 1940, longe do agito dos principais centros urbanos, os jovens amigos Glauco Rodrigues e Glênio Bianchetti descobriram uma atividade diferente para passar o tempo nas férias de verão. Começaram ali seus exercícios de pintura e desenho e, a partir de 1948, junto com o já iniciado nas artes Danúbio Gonçalves, e outros curiosos, como Clóvis Chagas, Deny Bonorino e Julio Meirelles, passaram a aprofundar seus interesses nas técnicas e teorias clássicas. Na cidade, ainda morava Pedro Wayne, escritor politicamente engajado, que desde os anos 1930 produzia romances, poemas, peças de teatro e folhetins em formato moderno. Wayne se correspondia com Erico Veríssimo e Jorge Amado, além de se relacionar com o pintor moderno José Moraes e, por conta disso, tornar-se o mentor intelectual daqueles tão interessados meninos. O círculo se fechou com a chegada de Carlos Scliar, que voltava de sua estada na Europa e participação na II Guerra Mundial, com uma recheada bagagem intelectual e contatos de artistas atuantes no conturbado cenário mundial.

O mais importante e profícuo contato de Scliar foi com Leopoldo Méndez, do *Taller de Gráfica Popular (TGP)* do México, cujo trabalho influenciou o grupo de Bagé, especialmente na divulgação de causas políticas a favor da paz, da liberdade, dos direitos dos trabalhadores e da justa distribuição das riquezas. As técnicas de gravura, que facilitam a reprodução em grande escala, possibilitaram que as obras chegassem ao público de maneiras distintas, seja na forma de ilustração de artigos na revista *Horizonte*, seja em materiais publicitários e panfletos do Partido Comunista. Por outro lado, a produção do grupo complementava a obra de Wayne, ilustrando as descrições das condições miseráveis nas quais viviam – e as humilhações a que eram submetidos – os trabalhadores da região, nas estâncias, charqueadas e nas minas de carvão. A junção desses dois aspectos fez com que o trabalho do Grupo delineasse características estéticas e temáticas próprias bastante particulares, que impedem ainda hoje sua classificação dentro de categorias como o Realismo Socialista, por exemplo.

Na década de 1950, foram criados o Clube de Gravura de Porto Alegre (1950) e o Clube de Gravura de Bagé (1951), os quais, mais tarde, se uniram e criaram um importante e independente sistema de divulgação dos artistas regionais, tomado como modelo até a atualidade. A participação nos clubes foi essencial para a consolidação da carreira dos quatro artistas, criando oportunidades que acabaram por separá-los. No ano de 1956, com o encerramento das atividades dos clubes, cada um seguiu uma trajetória distinta, porém, sempre carregaram características de seus anos de formação, na produção de material gráfico e ilustrações para a *Revista Senhor* (no caso de Carlos Scliar e Glauco Rodrigues), e na constante volta aos temas regionais, em sua maior parte com um viés de crítica social. Em 1976, os quatro artistas voltaram a produzir juntos em Bagé, em um encontro que resultou na criação do Museu da Gravura Brasileira e em obras que retomaram a temática regional, porém refletindo as mudanças e diferentes caminhos que cada um deles traçara após a separação.

Contar essa história é o objetivo principal da exposição *Os Quatro*, mas com uma nova e ampliada abordagem. Novas leituras e percepções acerca do trabalho do Grupo, frutos de estudos e documentários realizados por diversos pesquisadores em nosso estado, estarão refletidos no cenário da exposição. Não apenas trabalhos de Scliar, Danúbio, Glauco e Glênio estarão expostos, mas nomes como Lila Ripoll, Pedro Wayne e Clovis Assumpção aparecerão para contar mais sobre a trajetória e influências desses artistas de Bagé. Nas paredes da FIC, não haverá apenas gravuras, mas quadros, aquarelas e capas de revistas, que mostrarão a versatilidade e a rica produção dos quatro artistas.

Ocupando dois andares da Fundação Iberê, estarão em torno de 180 trabalhos oriundos de 24 instituições e acervos particulares. Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (Porto Alegre), Pinacoteca Aldo Locatelli da Prefeitura de Porto Alegre, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Pinacoteca de São Paulo, Museu Dom Diogo (Bagé) e Instituto Carlos Scliar (Cabo Frio, RJ) são algumas das instituições a emprestarem obras, além de peças do espólio de Danúbio Gonçalves, Glênio Bianchetti e Glauco Rodrigues, emprestadas por suas famílias. Sendo uma grande mostra retrospectiva, feita a partir de uma ampla pesquisa de documentação, reportagens de jornais e cartas, acreditamos que tanto o grande público quanto os entusiastas e conhecedores do Grupo serão agraciados com uma nova e generosa visão sobre o tema.

Carolina Grippa  
Caroline Hädrich  
Curadoras

**Glênio Bianchetti**  
**Retrato, 1953.**  
Grafite e guache sobre papel, 37,9 x 26,2 cm.  
Coleção Pinacoteca Aldo Locatelli  
Prefeitura de Porto Alegre.

## INÍCIO DO GRUPO

“ A partir do dia 15 deste mês, terá lugar no auditório do 'Correio do Povo', a primeira mostra da jovem pintura dos novos de Bagé. Os artistas integrantes do grupo, Danúbio Villamil Gonçalves, Glauco Rodrigues, Glênio Bianchetti, Clovis Chagas, Deny Bonorino e Julio Meireles, têm expressivos trabalhos a revelar. Unidos no mesmo agrupamento, lutando juntos para a realização de obra perdurável, embora guardando cada um suas próprias características, os pintores de Bagé contribuem valiosamente para a arte do Rio Grande do Sul.

Correio do Povo, 6 de outubro de 1948



“ Foi tudo muito em torno de Pedro Wayne, que a gente ia visitar e via nas paredes da casa ilustrações de Scliar. Via e gostava.

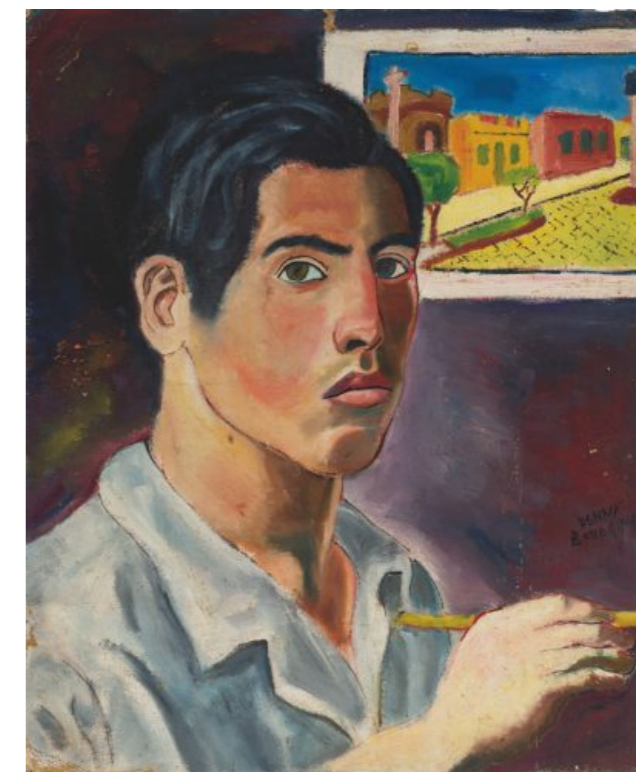
Glauco Rodrigues  
*Folha da manhã, 10/01/1976*

## INÍCIO DO GRUPO

**Pedro Wayne** chegou em Bagé em 1927, e lá exerceu uma extensa gama de atividades, incluindo a literatura. Desde 1931 produziu romances, poemas, peças de teatro e folhetins com características modernistas, o que o levou a aproximar-se de importantes autores nacionais, como Erico Verissimo e Jorge Amado. Wayne também tinha um espírito revolucionário, tendo se envolvido em diversos movimentos estaduais e nacionais, sempre ao lado dos trabalhadores do campo ou operariado, visando justiça social.

**Carlos Scliar**, que tinha parentes morando em Bagé, e ideias semelhantes às do escritor, frequentava sua casa e o tinha como bom amigo.

Foi em torno deste importante personagem da cultura local que, na metade da década de 1940, **Glauco Rodrigues** e **Glênio Bianchetti**, muito jovens, com 16 e 17 anos, começaram a desenhar e pintar, durante as férias de verão. Mais tarde, Wayne introduziu **Danúbio Gonçalves** ao “ateliê”, que trouxe para o grupo, a partir de sua experiência na França, o interesse no aprofundamento dos estudos de técnicas e teorias clássicas de desenho. Já a influência da pintura moderna veio com a passagem do artista carioca **José Moraes**, que ficou um período na cidade quando ganhou uma bolsa de viagem de estudos. Scliar, quando de voltou de sua estada na Europa e participação na II Guerra Mundial, se interessou pelo movimento daqueles jovens em torno de Wayne, e passou também a frequentar, e praticamente liderar as atividades do grupo, de certa maneira reforçando as ideias passadas pelo escritor a respeito de cultura e política.



Em sentido horário: **Carlos Scliar. Autorretrato na FEB, 1945.** Nanquim sobre papel, 32,5 x 23,3 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio. **José Moraes. Retrato de Lina Hazan, 1945.** Óleo sobre tela, 55 x 46 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. **Denny Bonorino. Autorretrato, 1943.** Óleo sobre cartão, 46 x 38 cm. Coleção do artista. **Glênio Bianchetti. Paisagem de Bagé, 1949.** Óleo sobre tela, 38 x 48 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **Danúbio Gonçalves. Helena, 1948.** Óleo sobre tela, 59,5 x 44,5 cm. Coleção Sandra Gonçalves.



Carlos Scliar  
Assine o apelo por um pacto de paz, 1952  
Capa da revista Horizonte, Porto Alegre, n. 5, mai. 1952  
Acervo documental Instituto Carlos Scliar

## CLUBES DE GRAVURA E REVISTA HORIZONTE

“ Então, de repente, uma das ideias que eu trazia da Europa me surgiu na mente: um clube de gravura, semelhante ao *Taller de Gráfica Popular* do gravurista mexicano Leopoldo Méndez. Ora, para atingir o público havia necessidade da gravura ser legível, isto é, figurativa. Em segundo lugar, que essa gravura abordasse um tema que o pessoal fosse sensível a ele.

Carlos Scliar, Folha da Manhã, 10 de janeiro de 1976

# HORIZONTE

PORTO ALEGRE, MAIO DE 1952 ★ ANO II ★ N.º 5 ★ PREÇO CR\$ 5,00



“ Já nessa época o Glauco era um jovem artista no Rio que tinha ganhado uma medalha de prata no Salão de Arte Moderna. O Glênio era um jovem artista em Porto Alegre começando a fazer uma obra que se destacava. Nosso trabalho começou comigo e com Vasco Prado em Porto Alegre e Glauco e Glênio em Bagé. Depois chegou Danúbio em 1951. O Clube de Gravura estava começando.

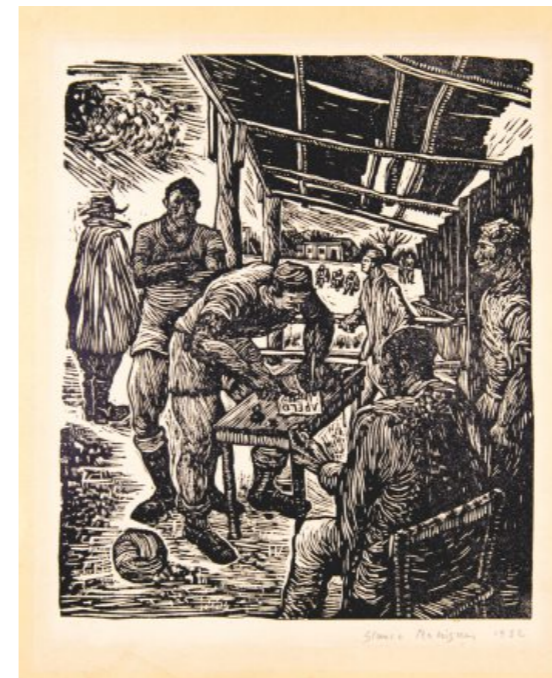
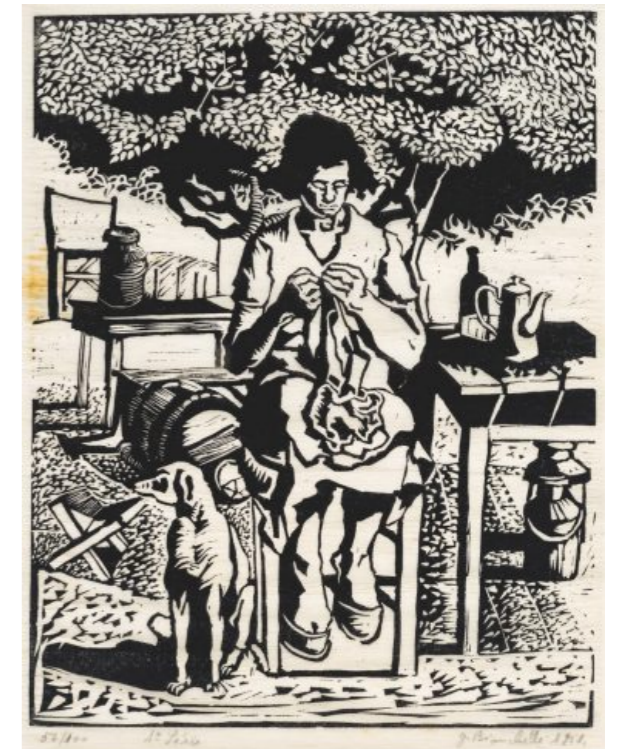
Carlos Scliar  
Folha da manhã, 10/01/1976

## CLUBES DE GRAVURA

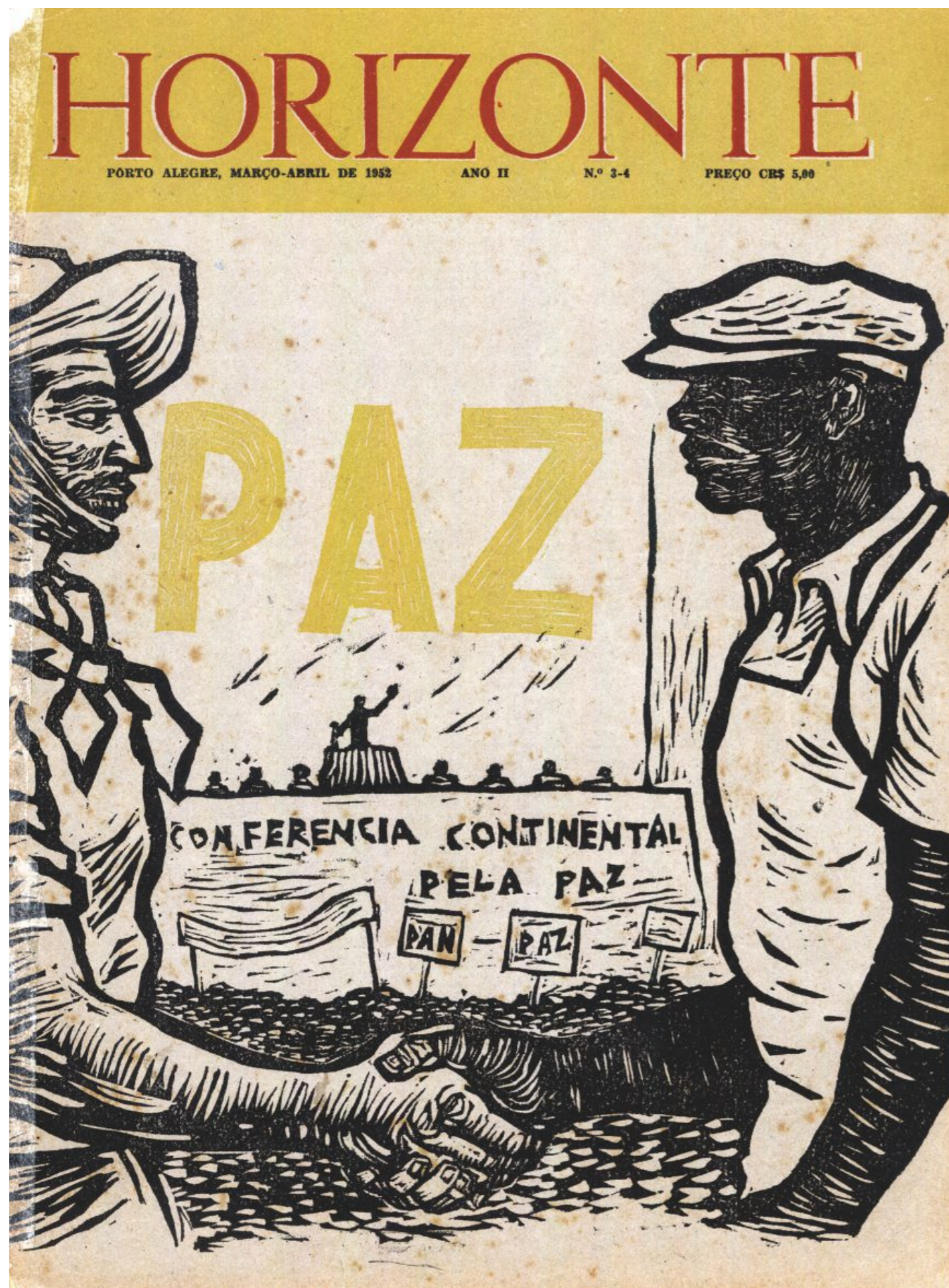
Os **Clubes de Gravura de Bagé e de Porto Alegre** foram inspirados na organização do *Taller de Gráfica Popular* (TGP) do México, fundado em 1937, cujo principal objetivo era unir artistas preocupados com questões políticas e sociais e produzir materiais gráficos (cartazes, gravuras, panfletos) para que fossem distribuídos pela cidade como divulgação de seus ideais. **Carlos Scliar** conheceu o *Taller* em 1948, através de um de seus criadores, **Leopoldo Méndez**, quando participou do **Congresso Mundial de Intelectuais em Defesa da Paz**, realizado na Polônia. Voltando ao Brasil, estimulou outros artistas a criarem algo semelhante, inserindo-os na rede mundial de trocas e cooperação artística e política.

Seguindo os princípios do *Taller* - uso da figuração e comprometimento social -, em 1950, **Carlos Scliar** e **Vasco Prado** criaram o **Clube dos Amigos da Gravura em Porto Alegre**, com sede no segundo andar em um prédio na Rua dos Andradas, no centro da capital. Funcionando como um consórcio de gravuras, o Clube estimulou o interesse dos artistas e do público pelo suporte, que poderia adquiri-las pagando uma mensalidade. Poucos meses depois, em 1951, **Bianchetti, Scliar, Gonçalves** e **Rodrigues** criaram o **Clube de Gravura de Bagé**, que além, da produção de gravuras, abriu a Galeria Oyarzabal e uma escolinha de arte para a comunidade. Com a saída dos artistas da cidade de Bagé, o clube se integrou ao de Porto Alegre, que existiu até 1956.

Mesmo com poucos anos de duração, os **Clubes de Gravura** foram um marco para a história da arte local e brasileira, criando um dos primeiros movimentos a pensar a gravura como um suporte artístico. Sendo uma técnica mais acessível, por conta da facilidade de sua reprodutibilidade - de uma única matriz, são possíveis diversas cópias - a gravura se difundiu pelo Brasil, surgindo outros clubes como o de **São Paulo, Santos, Rio de Janeiro e Recife**.



**Carlos Scliar. Cavalete com arreios, 1955.** Xilografia e camafeu sobre papel, 26,2 x 28,6 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição através do Prêmio do Concurso da Secretaria de Educação e Cultura: Costumes e Tradições Gaúchas, 1956. **Glênio Bianchetti. 1ª Série, 1951.** Xilografia sobre papel, 27,5 x 21,5 cm. Coleção Renato Rosa. **Danúbio Gonçalves. Estudo para gravura, 1956.** Grafite e nanquim sobre papel, 21,6 x 29,1 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão - RS, 2014. **Glauco Rodrigues. Do campo de futebol, 1952.** Linoleografia sobre papel, 24 x 20 cm. Coleção Paulo Dalacorte.

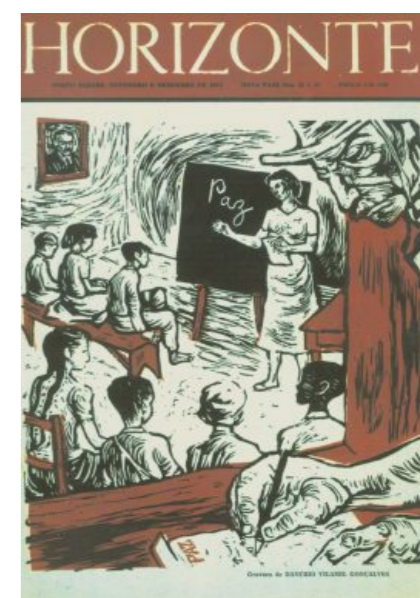


## REVISTA HORIZONTE

A **Revista Horizonte** circulou no Rio Grande do Sul de 1949 a 1956, tendo como objetivo veicular a estética do **Realismo Socialista** e difundir ideais do **Partido Comunista**. Seu primeiro diretor foi **Cyro Martins**, responsável pelas três primeiras edições. Foi substituído pela poetisa **Lila Ripoll**, que desenvolveu uma nova fase na revista, tendo como conselheiros de redação **Vasco Prado** e **Carlos Scliar**.

Em suas páginas, encontram-se reproduções de trabalhos dos quatro artistas de Bagé, de artistas locais – **Carlos Petrucci**, **Edgar Koetz** e **Nelson Boeira Faedrich**, por exemplo, e internacionais – **Leopoldo Méndez** e **Käthe Kollwitz**, além de críticas de cinema, literatura e artes visuais, tornando a revista um veículo para o debate da cultura no Estado.

Página ao lado: **Danúbio Gonçalves. Conferência continental pela paz**, 1952. Capa da Revista Horizonte, Porto Alegre, n. 3/4, mar/abr. 1952. Acervo documental Instituto Cultural Carlos Scliar. Nesta página, de cima para baixo: **Käthe Kollwitz. Companheiros**, s.d. Capa da Revista Horizonte, Porto Alegre, n. 7, jul. 1952. Acervo documental Instituto Cultural Carlos Scliar. **Danúbio Gonçalves. Apelo por um pacto de paz**, 1951. Capa da Revista Horizonte, Porto Alegre, n.11/12, nov/dez. 1951. Acervo documental Instituto Cultural Carlos Scliar. **Carlos Scliar. União por uma vida melhor e pela paz**, 1951. Capa da Revista Horizonte, Porto Alegre, n. 6, jun. 1951. Acervo documental Instituto Cultural Carlos Scliar.



**Glauco Rodrigues**  
**Cancha Reta, 1976.**  
Serigrafia sobre papel, 48,1 x 66 cm.  
Coleção Museu Nacional de Belas Artes  
Ibram/Ministério da Cidadania.

## ENCONTRO DE 1976

“ Hospedados em fazendas de Bagé, onde permanecerão durante vinte dias, pesquisando e trabalhando suas obras, artistas plásticos gaúchos, integrantes do Clube da Gravura, e outros oriundos do centro do país, iniciam, hoje, o Encontro de Bagé, uma promoção de várias entidades oficiais e particulares, que deverá colocar, uma vez mais, nosso Estado no calendário cultural do País com um dos eventos mais importantes do ano que se inicia.

Maria Helena Webster, Correio do Povo, 4 de janeiro de 1976

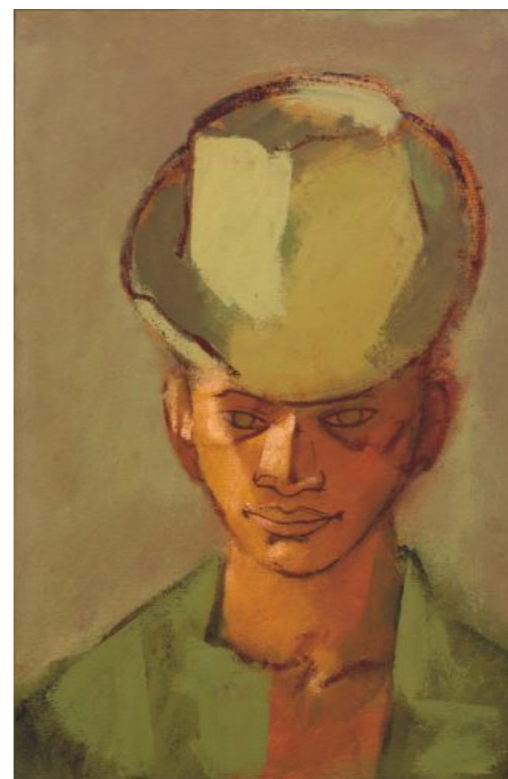
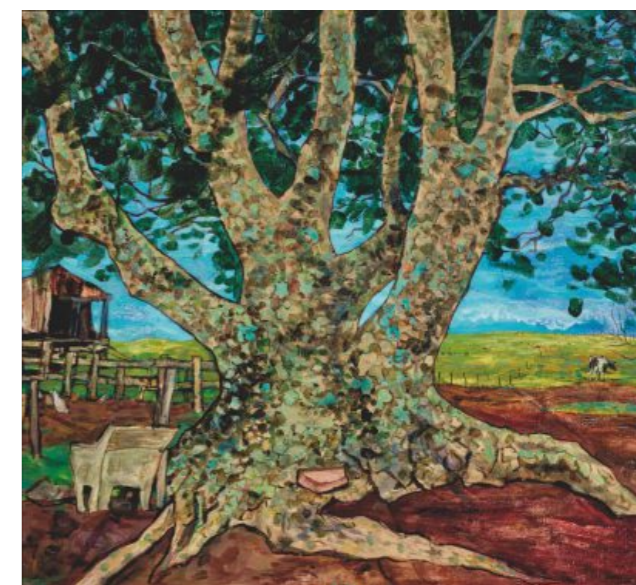


## I ENCONTRO NACIONAL DE ARTISTAS PLÁSTICOS - 1976

Em janeiro de 1976, um evento movimentou Bagé:

**O I Encontro Nacional de Artistas Plásticos**, reunindo o Grupo, juntamente com outros artistas convidados, como **Anna Letycia Quadros, Anico Herskovits, Antonio Maia, Armando Almeida, Clébio Sória, Darcy Penteadó, João Henrique, José Lima, Maria Luiza Leão e Norberto Stori.**

Por cerca de vinte dias, os artistas foram hospedados em estâncias da região, onde desenharam e trabalharam, revivendo o que era feito no início do Grupo. Em homenagem a **Scliar, Glênio, Glauco e Danúbio**, foi realizada uma exposição no Museu Dom Diogo de Souza e criado o **Museu da Gravura Brasileira**, com o objetivo de garantir um acervo da produção de gravuras incentivada pelos quatro. Durante o encontro, também houve uma intensa programação, com palestras, lançamento de livros, além de uma grande entrevista com os artistas, transcrita e publicada nas páginas do jornal Correio do Povo no decorrer do mesmo ano.



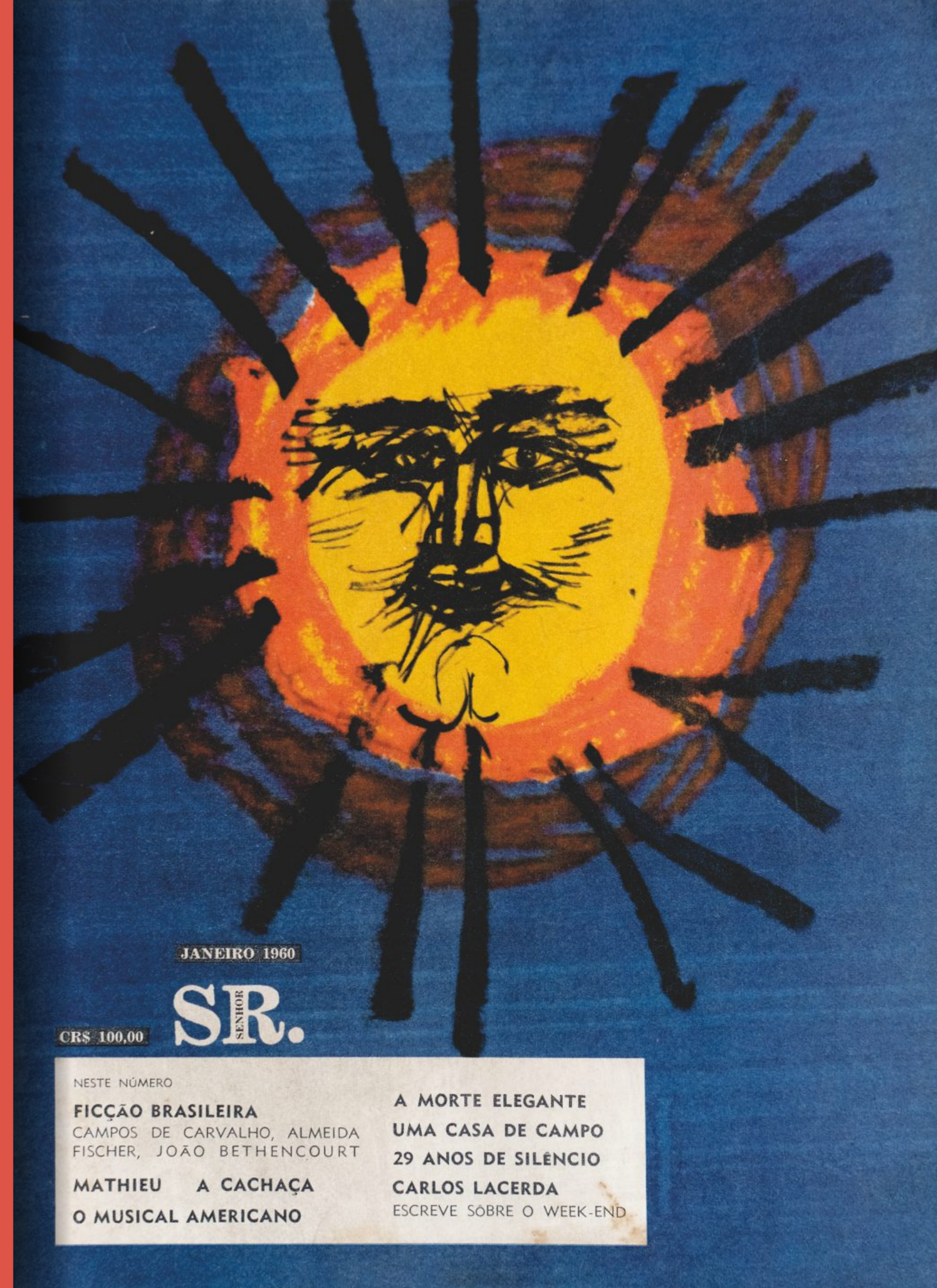
Página ao lado: **Glauco Rodrigues. Boleadora e ferradura**, 1976. Óleo sobre tela colada em aglomerado, 54 x 74,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1982. Nesta página em sentido horário: **Glênio Bianchetti. Os girassóis**, 1976. Tinta acrílica sobre tela colada em madeira, 54x40cm. Pinacoteca FUNDACRED de Arte Riograndense. **Danúbio Gonçalves. Agregado**, 1976. Tinta acrílica sobre tela, 59 x 88 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. **Danúbio Gonçalves. Umbu**, 1976. Óleo sobre tela, 64x70cm Pinacoteca FUNDACRED de Arte Riograndense. **Glênio Bianchetti**, sem título, 1976. Tinta acrílica sobre tela, 67 x 97 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1982. **Carlos Scliar. Jovem Oleiro**, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 56 x 37 cm. Pinacoteca FUNDACRED de Arte Riograndense.

**Glauco Rodrigues**  
Capa da revista Senhor, jan. 1960  
Coleção Lucy Niemeyer

# REVISTA SENHOR

“ O Pasquim que me desculpe, mas a Senhor foi a melhor publicação em que trabalhei [...]. Como diretor de arte, Scliar tirava água de pedra. Na gráfica que imprimia as Listas Telefônicas, ele fazia milagres; os caras que trabalhavam naquelas máquinas não acreditavam que elas pudessem fazer o que Scliar planejava - e realizava. E ficaram empolgados com os resultados obtidos. Fez da Senhor a mais inovadora e bela revista da época. Com seu poder suave, tinha o dom de transformar tudo que tocava numa coisa de beleza.

JAGUAR, 2001 apud BASSO, 2008, p. 28



JANEIRO 1960

CR\$ 100,00

SR.  
SENHOR

NESTE NÚMERO

**FICÇÃO BRASILEIRA**

CAMPOS DE CARVALHO, ALMEIDA  
FISCHER, JOÃO BETHENCOURT

**MATHIEU A CACHAÇA**

**O MUSICAL AMERICANO**

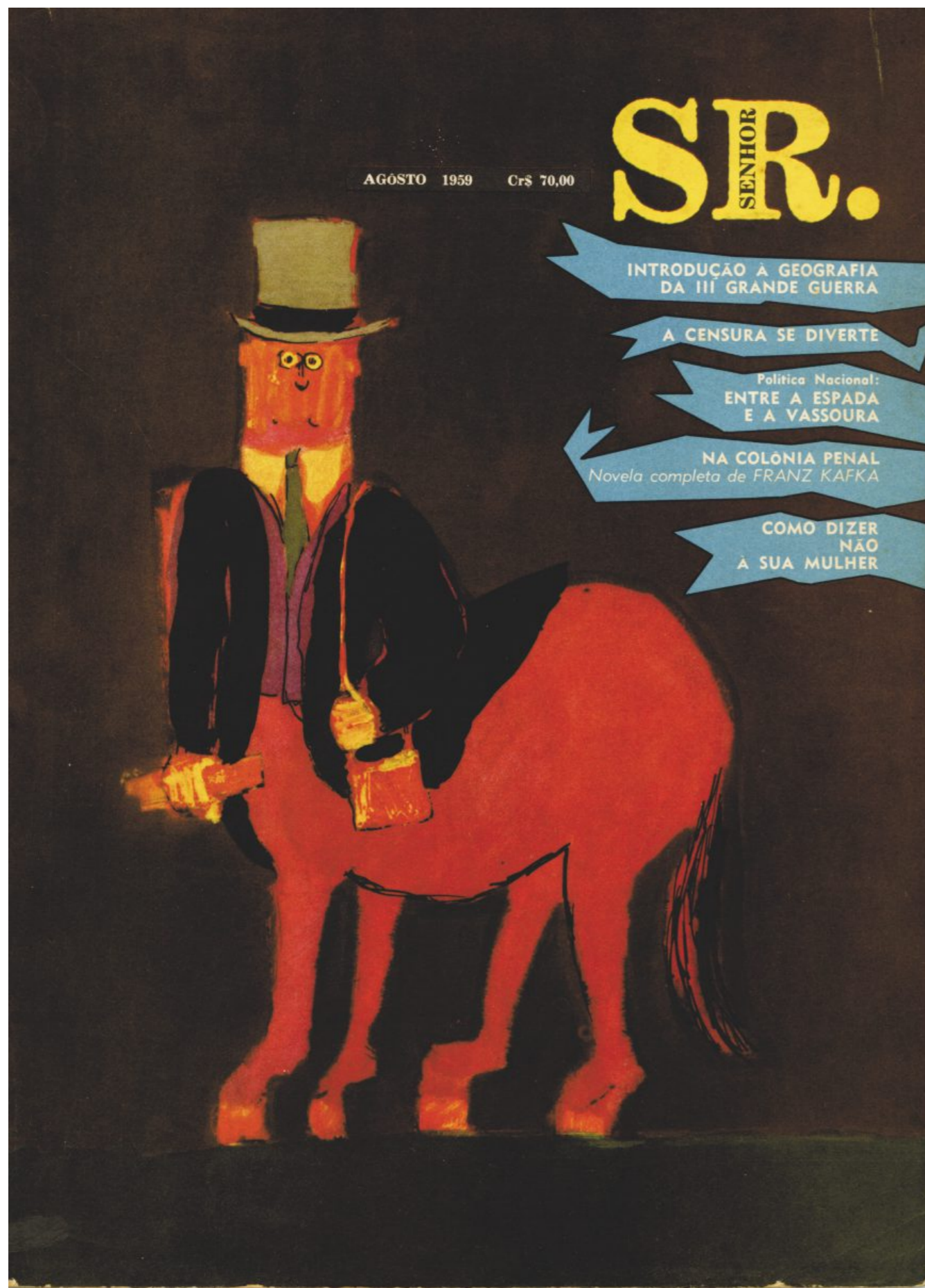
**A MORTE ELEGANTE**

**UMA CASA DE CAMPO**

**29 ANOS DE SILÊNCIO**

**CARLOS LACERDA**

ESCREVE SOBRE O WEEK-END



## REVISTA SENHOR

A **Senhor**, revista de circulação nacional editada no Rio de Janeiro, capitaneada pelo jornalista Nahum Sirotsky, circulou de março de 1959 a janeiro de 1964 como publicação voltada para o alto empresariado, ou seja, um público masculino (e suas esposas, que compravam as revistas) de elite econômica e intelectual. Nas suas 57 edições, jornalistas como **Paulo Francis** e **Luiz Lobo** editoravam colunas de política, economia, entretenimento e especialmente de cultura, publicando peças de ficção inéditas de autores nacionais como **Jorge Amado**, **João Guimarães Rosa** e **Clarice Lispector**, e internacionais traduzidos, como **Ernest Hemingway** e **Ray Bradbury**, por exemplo.

O humor permeava a publicação tanto no teor dos textos quanto nas ilustrações de capa e internas. Com a direção de arte entre 1959 até julho de 1961 a cargo de **Carlos Scliar**, auxiliado por **Glauco Rodrigues** e o cartunista **Jaguar**, a revista apresentou um projeto gráfico inovador, com destaque para as capas, que priorizavam a exibição de obras de artistas e designers nacionais, como **Glauco Rodrigues**, **Bea Feitler**, e do francês **Michel Burton**.



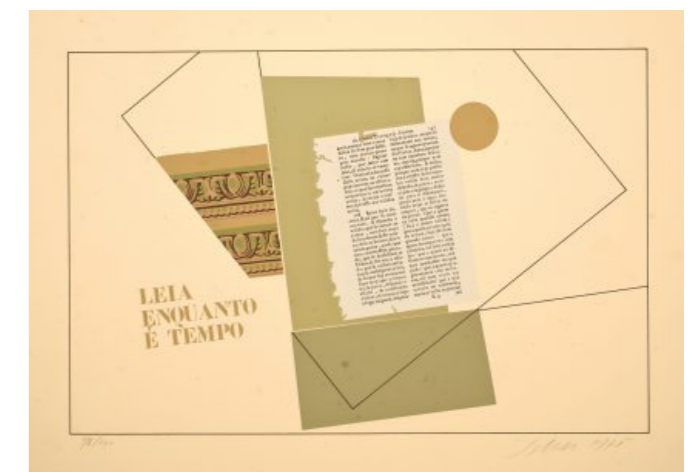
Página ao lado: **Glauco Rodrigues** e **Jaguar**. Capa da Revista Senhor, Rio de Janeiro, n. 6, ago. 1959. Acervo Documental Fundação Iberê. Da esquerda para direita: **Glauco Rodrigues**. Capa da Revista Senhor, Rio de Janeiro, n. 8, ago. 1961 Coleção Lucy Niemeyer. **Glauco Rodrigues**. Capa da Revista Senhor, Rio de Janeiro, n. 4, jun. 1959. Coleção Lucy Niemeyer.

Com o encerramento das atividades dos clubes, em 1956, cada um dos quatro seguiu uma trajetória distinta: **Carlos Scliar** e **Glauco Rodrigues** foram para o Rio de Janeiro, trabalharam juntos na produção e direção de arte da revista Senhor e depois continuaram suas carreiras como pintores no estado fluminense. **Glauco** na capital e **Scliar**, em Cabo Frio, após um período passado em Ouro Preto (MG). **Glênio Bianchetti** fixou residência em Brasília, onde começou a dar aulas na recém criada Universidade de Brasília. Durante o período da ditadura militar, foi impedido de lecionar, mas continuou sua carreira de pintor na cidade até o ano de seu falecimento.

## PRODUÇÃO INDIVIDUAL

**Danúbio Gonçalves** continuou em Porto Alegre; foi professor de litografia no Atelier Livre da Prefeitura por 30 anos e participou da formação de reconhecidos artistas locais. Também manteve o hábito de viajar pelo país e para o exterior, sempre observando atentamente as diferentes paisagens, formas e comportamentos.

Apesar da separação, podemos perceber no trabalho dos quatro uma periódica volta aos temas regionais, seja na representação da paisagem do pampa, da sua fauna, seja nos costumes da população da campanha, como se os anos de formação em Bagé tivessem deixado uma marca profunda em suas produções estéticas.



Sentido horário: **Glauco Rodrigues**. [Segunda missa no Brasil (dita "a da posse", d'après Vitor Meirelles), 1996. Tinta acrílica sobre tela, 130 x 161 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Brasil Connects. **Danúbio Gonçalves**. Salam Alikum, 1982. Litografia sobre papel, 52,5 x 37,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da artista, s.d. **Carlos Scliar**. sem título, 1975. Serigrafia sobre papel, 39,4 x 55,7 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 1984. **Glênio Bianchetti**. sem título, 2000. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 55x39 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti.



## CARLOS SCLiar por Cildo Meireles\*

Conheci o Scliar em 1967 e, desde então, nos tornamos amigos.

Além do grande artista, possuía todas as características de um bom amigo: apoiava os novos artistas generosamente, era uma pessoa solidária e companheira. Nos víamos com frequência, sua casa era onde encontrávamos, além de bons conselhos, uma mesa farta. Ele nos acolhia, comprava trabalhos meus e de colegas (Colares, Barrio, Luis Fonseca, Luiz Alphonsus e tantos outros) e nos conectava aos colecionadores, ajudando na nossa sobrevivência naquele momento. Já era um artista presente nas maiores coleções e, com excepcional companheirismo, tentava nos auxiliar em nosso caminho.

Seus desenhos são, para mim, uma fonte de aprendizado.

Se fizéssemos uma genealogia do melhor desenho feito no Brasil, seguramente, o trabalho dele figuraria nela.

Com sua obra, contribuiu extraordinariamente para a construção de nossa cultura. Excepcional artista gráfico, foi possuidor de uma infinita capacidade inventiva.

Comprometido com causas sociais e ambientais, nunca se

furtou ao desafio de desempenhar seu papel neste debate.

Tenho em mim as melhores recordações desse amigo e admirável artista do qual recebi inúmeras lições.

\* artista plástico

## DANÚBIO GONÇALVES por Anico Herskovits\*

Conheci o Danúbio em 1968, quando, com minha mãe, comecei a frequentar o Atelier Livre da Prefeitura nos altos do Mercado Público. Ele era o seu diretor e o professor de xilogravura, a única técnica que lá era oferecida. Já nessa época era um artista reconhecido com uma longa trajetória de viagens, exposições e prêmios pelo país, porém uma pessoa simples, afável e acessível.

Pelo Atelier circulavam jovens e nem tão jovens artistas, alunos, candidatos a artistas ou professores de arte de várias procedências, aos quais Danúbio acolhia sempre de braços e olhos abertos. Quando reconhecia num aluno algum talento, persistência ou curiosidade especial, costumava emprestar livros, revistas, catálogos. Debatia ideias, comentava exposições, era muito generoso.

Não se furtava de fazer a apresentação de seus jovens pupilos e, acho, com certo orgulho. Quando o Atelier Livre mudou-se para a Lobo da Costa, ganhou um espaço para uma pequena galeria. Com a indicação do Danúbio, ali se realizaram primeiras mostras individuais de muitos futuros artistas (inclusive a minha, em 1974), contando sempre com o texto afetivo do nosso mestre.

A imagem do Danúbio está para sempre ligada ao Atelier Livre, principalmente ao ensino e à difusão da litografia atual no RS. Ele foi um pesquisador curioso que retomou a técnica, abandonada nos primórdios do século XX, quando foi comercialmente substituída pelas gráficas off set. Como professor, nunca se recusou a transmitir seus conhecimentos e segredos. Era um homem de estatura mediana, compacta, atarracado, com um jeito engraçado, meio bamboleante de caminhar. A fala mansa, baixa, porém, não nos enganamos, sacudindo levemente a cabeça e colocando a mão sobre a boca, quantos comentários irônicos, sarcásticos, mordazes, principalmente ao comentar bienais ou exposições de arte conceitual ou afins.

Há alguns dias, nos reunimos num café, amigos e ex-alunos do Danúbio. Recordamos passagens engraçadas, polêmicas e aventuras do nosso querido mestre. Rendeu boas risadas e saudades do nosso professor e amigo. Combativo, polêmico, nestes tempos difíceis para a arte e a cultura, e, principalmente em face do desmonte do Atelier Livre, quanta falta ele faz...

\*artista e professora

## GLAUCO RODRIGUES por Zeca Brito\*

Glauco Rodrigues foi um gaúcho de Bagé que reinventou o Brasil.

Um dos arautos da modernidade sulista, desenhista e gravador do “Grupo de Bagé”, foi também grande pintor e um dos maiores ilustradores e designer gráfico do país. Na pintura, hoje encontra seu apogeu historiográfico no cenário internacional, com obras expostas recentemente na Bienal de Istambul, Tate Gallery e na École des Beux Arts de Paris. Elaborou um vocabulário que resgata a iconografia histórica e que recolhe todos os fragmentos esquecidos de passado e presente para escrever um alfabeto brasilianista e provocador.

No auge da ditadura militar, produziu suas mais expressivas pinturas de raiz crítica e política. O discurso não verbal, mas de potência visual, se expressa como mensagem ao futuro e pode também nos revelar o resultado de pactos sistêmicos. A causa, a raiz política e crítica, se potencializa em “camuflagem”. Glauco adentra na selva, se esconde entre penas e folhas de bananeira, mas é certo no tiro, na leitura da sociedade com que pactua.

O trânsito é questão fundamental para pensarmos a poética de Glauco. Trânsito que estabelece diálogos com a história e com o tempo, seja ele cronológico ou diacrônico. Um trânsito com idas e vindas, da cópia autodidata ao domínio do desenho de observação e perspectiva, de um Realismo Crítico para uma poética abstrata.

De artista figurativo negado pelos abstratos nos anos 1950 a artista abstrato consagrado na Bienal de Veneza em 64. De artista abstrato a artista pop, do Pop futurista ao Tropicalismo Crítico. Dos objetos infláveis aos mapas em madeira, das serigrafias aos objetos em acrílico. Da pintura de cavalete aos estandartes. O trânsito entre o fundo vazio e branco na ditadura e o fundo colorido e carnavalesco na democracia. O trânsito dentro de seu próprio repertório, palhetas e personagens, voltando a ser realista, abstrato, minimalista ou o que quisesse ser, como um antropófago de si.

\* cineasta

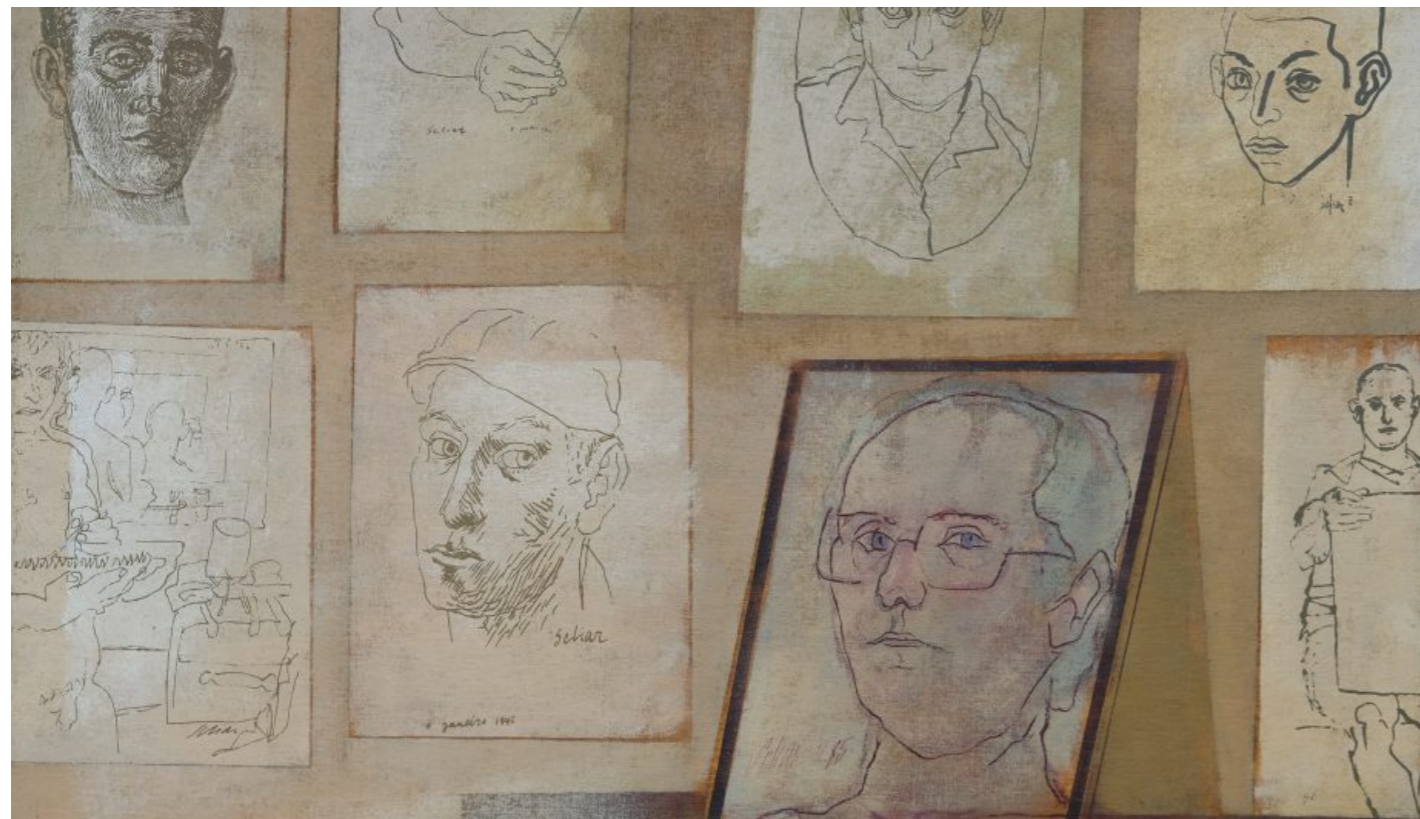
## GLÊNIO BIANCHETTI por Marília Panitz\*

Um apartamento “brasiliense” (modernista): lugar onde, pela primeira vez, convivi com um artista em seu processo de trabalho. O atelier, na sala, recebia quem chegasse. Passei a frequentá-lo porque era colega de uma de suas filhas. Começávamos a universidade, no Departamento de Arte, do qual ele havia sido professor, no início dos anos 60 até o golpe. Ele se interessava por quem chegava, convidava a sentar e a observar. Que ato importante era vê-lo pintar. Depois desse tempo, fui professora na escola de arte que Ailema Bianchetti e outras duas sócias dirigiam. A partir daí, passamos a conviver (até hoje) com sua obra, seu legado, sua família e uma história que continua se desvelando dentro do atelier de sua casa, com seus quadros, suas gravuras, e os arquivos de seu percurso organizados por Ailema - documentos que nos permitem voltar a Bagé, ao início, ao aprendizado, ao grupo de artistas que deslocou o centro dos acontecimentos para a cidade das fazendas, perto da fronteira do Uruguai. De lá, os jovens Glênio Bianchetti, Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves e Glauco Rodrigues começaram a falar para o mundo. A gravura que se produziu a partir daí representa o pampa, o homem comum da região. Há uma convicção (em sintonia com os artistas modernistas de outros lugares do Brasil) de que essa é a função da arte. E esta convicção acompanha Glênio por todo o seu percurso.

De Bagé, muda-se para Porto Alegre e de lá a Curitiba e Brasília, onde ajuda Darcy Ribeiro a construir o sonho da universidade nova, na “cidade nova, síntese das artes”. O sonho coletivo se desfaz em poucos anos, mas se sustenta no embate com o material, na produção da obra do artista. Os anos 70 reúnem outra vez o grupo de Bagé. Em sua cidade natal, é realizado um encontro de artes plásticas, em que tomam parte vários artistas de todo o Brasil. Glênio traz uma série de croquis e obras em torno do homem do pampa. Mas a linguagem, embora guarde a estrutura das gravuras dos anos.

Brasília, em sua longa convivência com Bianchetti, foi incorporando, a seus espaços, as imagens produzidas por ele. Em prédios públicos, em coleções particulares, lá estão as representações do trabalho, com seu apelo épico, homem transformando a natureza. Ao seu lado, o jogo e a sensualidade, corpos distendidos, em repouso. E as paisagens da planície do pampa ao planalto central e a linha do mar, os horizontes retos, cortados pelos corpos e pelas árvores. O último trabalho de Glênio ficou inacabado. Dos traços que ficaram sobre a base da tela, adivinhamos as cores e gestos que viriam e que continuam dentro de nossos olhos.

\* crítica de arte e curadora independente



**Carlos Scliar**  
**Autorretrato II, 1985**  
Tinta vinílica e serigrafia encerada  
sobre tela colada em madeira  
detalhe  
64,7 x 99,7 cm  
Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio

## CARLOS SCLIAR 1920-2001

**Carlos Scliar** nasceu em Santa Maria e foi ainda pequeno para Porto Alegre, onde, com 11 anos, colaborou com as seções infanto-juvenis de jornais locais. Em 1935, participou da exposição do Centenário Farrroupilha, e começou a frequentar o departamento gráfico da **Revista do Globo**. Foi um dos fundadores da **Associação de Artes Plástica Francisco Lisboa**, em 1938. Em 1940, foi para São Paulo e começou a fazer parte do grupo **Família Artística Paulista** conhecendo pessoalmente diversos nomes do movimento moderno. Em 1944, foi para a Itália a serviço da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial, quando desenhou muitas cenas e pessoas que o cercavam. Após um tempo no Brasil, o artista voltou à Europa, estabelecendo-se em Paris, onde firmou relações com os movimentos comunistas de defesa da paz. No final de 1950, em uma visita a Bagé, conheceu através de **Pedro Wayne** os artistas que formaram o **Clube de Gravura de Bagé e o de Porto Alegre**. Em 1955 voltou para o Rio de Janeiro, a convite de **Vinícius de Moraes** para trabalhar na produção visual de **Orfeu da Conceição**. Entre 1958 e 1961 trabalhou como diretor artístico na **Revista Senhor**. Depois desta data dedicou-se prioritariamente à produção artística individual. Comprou, em 1964, um sobrado em Cabo Frio, RJ, onde morou e trabalhou por quarenta anos. O artista continuou firme com seu engajamento político; lutou contra a ditadura militar e manteve sempre a ideia de que sua arte deveria ser acessível a todos. No ano de seu falecimento foi criado o **Instituto Cultural Carlos Scliar**, na cidade de Cabo Frio, e seu acervo se encontra atualmente tombado pela municipalidade.

A handwritten signature of Carlos Scliar, written in black ink on a white background. The signature is stylized and cursive, starting with a large 'C' and ending with a long, sweeping tail.



**Danúbio Gonçalves**  
**Vi a dupla fêmea, 2009**  
Óleo sobre tela  
detalhe  
80 x 60 cm  
Coleção Sandra Gonçalves

## DANÚBIO GONÇALVES 1925-2019

**Danúbio Gonçalves** nasceu em Bagé, fazendo parte de uma tradicional família de estancieiros da campanha. Seu trisavô era o general **Bento Gonçalves**, um dos líderes da Revolução Farroupilha. Aos sete anos, partiu para o Rio de Janeiro com sua irmã, lá teve aulas no ateliê de **Cândido Portinari**, manteve contato com outros pintores modernistas e participou de diversas edições do **Salão Nacional de Belas Artes**, recebendo prêmios e menções honrosas. Em 1944, realizou sua primeira exposição, no **Instituto de Belas Artes de Bagé**, a qual tinha como temática a negritude carioca, sendo um sucesso em vendas. Sua segunda exposição, também em Bagé, em 1945, marca o momento em que Danúbio conheceu os escritores **Clovis Assumpção** e **Pedro Wayne**, que mais tarde o apresentaram aos jovens **Glênio Bianchetti** e **Glauco Rodrigues**. Em 1950, foi estudar em Paris e ficou impactado com os movimentos surgentes na Europa do pós-guerra. Com um espírito imbuído dos ideais revolucionários e uma ligação com o **Partido Comunista**, Danúbio voltou ao Brasil e se juntou a **Carlos Scliar**, **Glênio Bianchetti** e **Glauco Rodrigues**, formando o **Clube de Gravura de Porto Alegre** e, posteriormente, o de **Bagé**. A partir de 1962, a convite do escultor **Francisco Stockinger**, passou a trabalhar no **Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre**, chegando a ser diretor. Lá, durante trinta anos ensinou litografia (técnica que aprendeu com **Marcelo Grassman**, em 1962), e formou um grande número de artistas gravadores, atualmente reconhecidos no âmbito regional e nacional. O artista ainda deu aulas, no Instituto de Artes da UFRGS, e continuou com seu hábito de viajar, inspirando diversas séries que foram exibidas principalmente em museus e galerias de Porto Alegre e do interior do estado do Rio Grande do Sul.

*Danúbio*

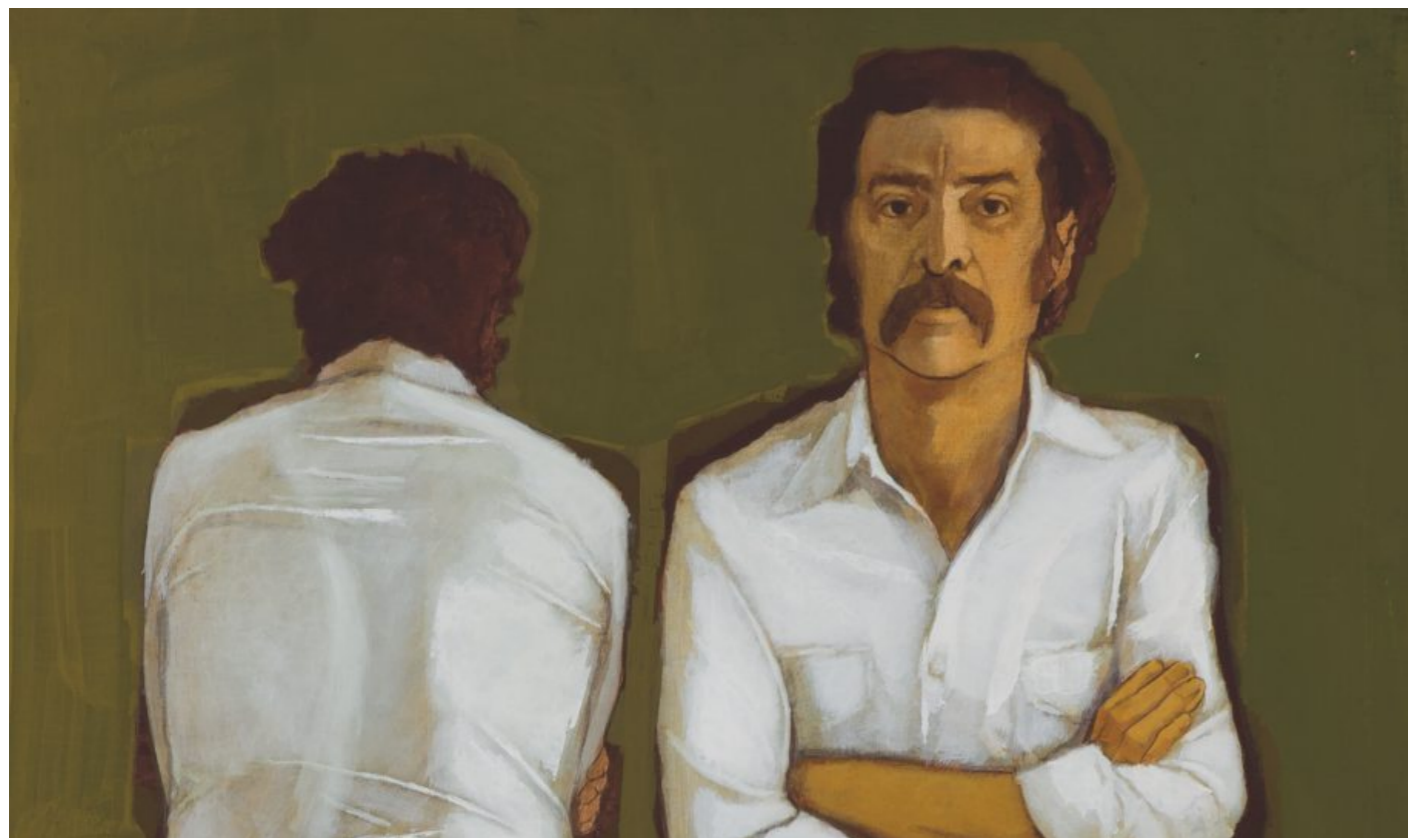
GLAUCO RODRIGUES 1929-2004

**Glauco Rodrigues** nasceu em Bagé e foi colega de escola de **Glênio Bianchetti**, com quem dividiu o interesse pela pintura. Foi aos 16 anos que pintou seu primeiro quadro, uma cópia de um cartão-postal representando um moinho ao pôr-do-sol. Recebeu ensinamentos sobre pintura de **José Moraes**, e, em 1948, participou da exposição coletiva no auditório do jornal Correio do Povo. Aproximou-se da gravura e, junto com **Glênio**, **Danúbio** e **Scliar** fundou, em 1951, o **Clube de Gravura de Bagé** e iniciaram suas viagens de estudos a estâncias da região. Com a união do Clube de Bagé ao de Porto Alegre, Glauco mudou-se para a capital gaúcha e, depois, em 1958, seguiu para o Rio de Janeiro. Nesse momento, Rodrigues participou de sua primeira Bienal de São Paulo, entrou na equipe da **Revista Senhor** e começou a sua produção abstrata, que perdurou por 10 anos. Em 1962, viajou a Roma a convite do embaixador Hugo Gouthier para trabalhar no setor gráfico da embaixada brasileira, e ficou por alguns anos na Itália. Viajou, expôs no exterior e participou da delegação brasileira na **Bienal de Veneza** (1964), no mesmo ano em que os estadunidenses chamaram a atenção pela sua produção Pop. Retornou ao Brasil, em 1966, e aos poucos a figuração voltou à sua obra, que seguiu até sua morte. Há trabalhos seus em diversos acervos do Brasil, como Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes e Pinacoteca do Estado de São Paulo.



**Glauco Rodrigues**  
**Maneia (Homenagem a Pedro Weingärtner), 1985**  
Tinta acrílica sobre tela  
detalhe  
39 x 97 cm  
Coleção particular

*Glauco R. Rodrigues*



**Glênio Bianchetti**  
**Autorretrato, 1978**  
Tinta acrílica sobre tela  
detalhe  
76 x 55 cm  
Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti

## GLÊNIO BIANCHETTI 1928-2014

**Glênio Bianchetti** nasceu em Bagé, oriundo de uma família ligada ao comércio na cidade. Foi a mãe de sua namorada, **Ailema**, que passou ensinamentos iniciais de pintura para ele e **Glauco Rodrigues**, que depois foram aperfeiçoados com a chegada de **José Moraes** a Bagé. Foi um dos participantes da exposição de 1948 no Auditório do Correio do Povo e, interessado pela pintura, ingressou no Instituto de Belas Artes em Porto Alegre no ano seguinte – mas não chegou a finalizar o curso. Fundou, em 1951, ao lado de **Glauco Rodrigues**, **Danúbio Gonçalves** e **Carlos Scliar**, o **Clube de Gravura de Bagé**, tendo Bianchetti a maior produção de gravuras na época. Na década de 1960, mudou-se com sua família para Brasília (cidade onde viveu o resto de sua vida), devido a convite de **Darcy Ribeiro** para lecionar na recém inaugurada Universidade de Brasília. Deu aulas sobre desenho e pintura entre 1962 e 1965, quando foi afastado devido a ditadura militar, sendo reintegrado apenas em 1988. Com sua estadia na nova capital do país, sua pintura é influenciada pela luz do local e sua produção ganha vitalidade e cor, sendo essa uma de suas características permanentes. Em Brasília, ajudou na criação do Museu de Arte da cidade e é muito reconhecido, tendo obras em diversas coleções públicas, como no Palácio do Itamaraty e no acervo da Câmara dos Deputados. Atualmente sua casa ateliê, com seu grande acervo, é mantida por sua família.

G. Bianchetti.



G. Bianchetti

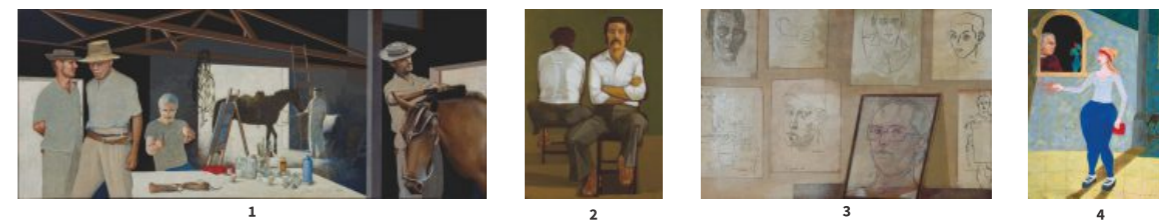
Glauco R. Rodrigues

Scliar

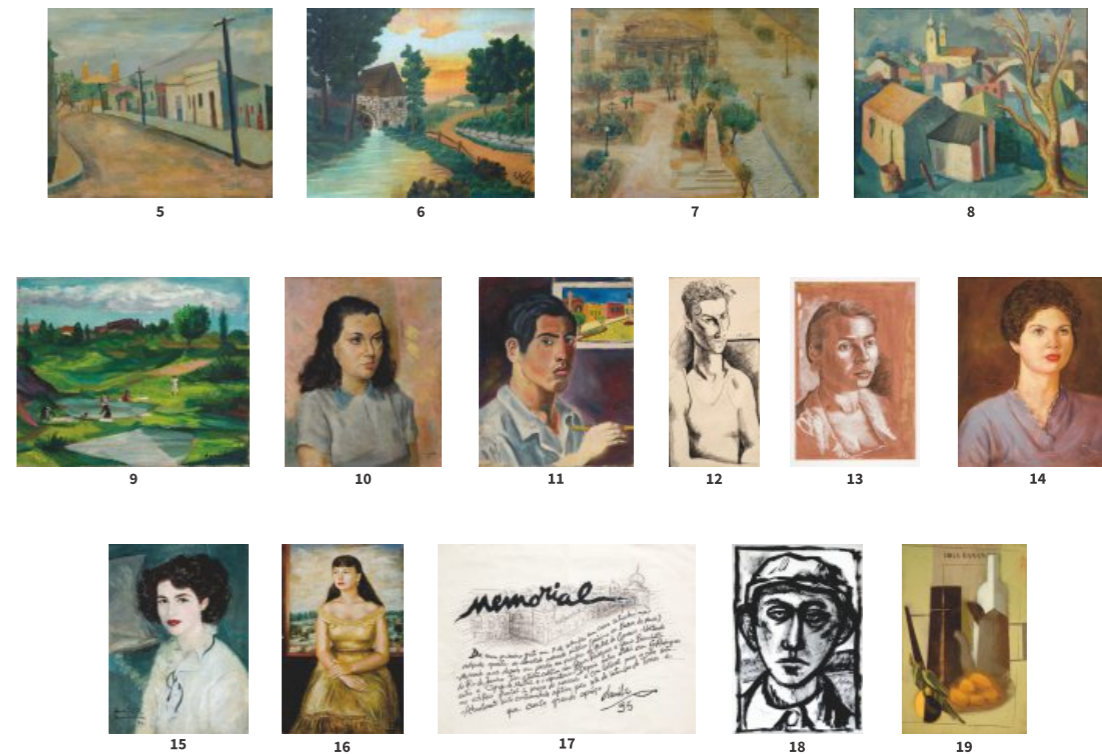
Danúbio

## OBRAS

### ENTRADA - 4º PAVIMENTO



### SALA 1 - 4º PAVIMENTO



#### ENTRADA

**1. Glauco Rodrigues. Maneia (Homenagem a Pedro Weingartner)**, 1985. Tinta acrílica sobre tela, 39 x 97 cm. Coleção particular. **2. Glênio Bianchetti. Autorretrato**, 1978. Tinta acrílica sobre tela, 76 x 55 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **3. Carlos Scliar. Autorretrato II**, 1985. Tinta vinílica e serigrafia encerada sobre tela colada em madeira, 64,7 x 99,7 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio. **4. Danúbio Gonçalves. Via dupla fêmea**, 2009. Óleo sobre tela, 80 x 60 cm. Coleção Sandra Gonçalves.

#### SALA 1

**5. Glênio Bianchetti. Paisagem de Bagé**, 1949. Óleo sobre tela, 38 x 48 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **6. Glauco Rodrigues. O moinho ao pôr do sol**, 1945. Óleo sobre tela, 40 x 50 cm. Coleção Norma Estelita Pessôa. **7. Glauco Rodrigues. Avenida Sete**, 1952. Óleo sobre madeira, 24 x 31,5 cm. Coleção Norma Estelita Pessôa. **8. Glauco Rodrigues. Casario**, 1948. Óleo sobre aglomerado, 45 x 36 cm. Pinacoteca FUNDACRED de Arte Riograndense. **9. Danúbio Gonçalves. sem título**, 1948. Óleo sobre tela, 38 x 46,5 cm. Coleção Sandra Gonçalves. **10. José Moraes. Retrato de Lina Hazan**, 1945. Óleo sobre tela, 55 x 46 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. **11. Deny Bonorino. Autorretrato**, 1943. Óleo sobre cartão, 46 x 38 cm. Coleção Deny Bonorino. **12. Glênio Bianchetti. Autorretrato**, 1950. Nanquim sobre papel, 41,5 x 19,7 cm. Coleção Maria Beatriz e Eduardo Irigoyen. **13. Glênio Bianchetti. Retrato**, 1953. Grafite e guache sobre papel, 37,9 x 26,2 cm. Pinacoteca Aldo Locatelli Prefeitura de Porto Alegre. **14. Danúbio Gonçalves. Olhos azuis**, 1954. Óleo sobre tela colada em aglomerado, 53 x 45 cm. Coleção Sandra Gonçalves. **15. Danúbio Gonçalves. Helena**, 1948. Óleo sobre tela, 59,5 x 44,5 cm. Coleção Sandra Gonçalves. **16. Glauco Rodrigues. Retrato de Maria Helena Lopes**, 1952. Óleo sobre tela, 100 x 65 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação de Maria Helena Mendieta Lopes, 2007. **17. Danúbio Gonçalves. Memorial**. Ilustração original feita para o jornal Ecoarte, 1995. Tinta hidrocor, nanquim e corretivo branco sobre papel, 27,8 x 37,1 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **18. Carlos Scliar. Autorretrato na FEB**, 1945. Nanquim sobre papel, 32,5 x 23,3 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio. **19. Carlos Scliar. Diga Banana**, 1975. Tinta vinílica encerada sobre aglomerado, 56 x 37 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.

SALA 2 - 4º PAVIMENTO



20 21 22 23 24



25 26 27 28



29 30 31 32 33



34 35 36 37 38



39 40 41 42



43 44 45 46



47 48 49 50 51



52 53 54 55 56



57 58 59 60



61 62 63 64 65

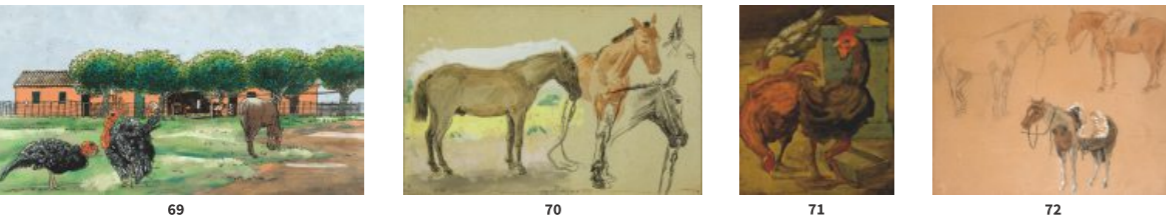
SALA 2

**20. Danúbio Gonçalves.** sem título, da série Mineiros do Butiá, 1959. Xilogravura em duas cores sobre papel, 25 x 19,5 cm. Coleção Paulo Dalacorte. **21. Danúbio Gonçalves. Juntando o carvão,** da série Mineiros do Butiá, 1959. Xilogravura sobre papel, 20 x 26,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **22. Danúbio Gonçalves.** sem título, da série Mineiros do Butiá, 1954. Xilogravura sobre papel, 19,5 x 26,7 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. **23. Danúbio Gonçalves.** sem título, da série Mineiros do Butiá, 1959. Xilogravura sobre papel, 19,5 x 25 cm. Coleção Paulo Dalacorte. **24. Danúbio Gonçalves. Mineiros do Butiá,** 1959. Xilogravura em duas cores sobre papel, 26,5 x 19,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **25. Danúbio Gonçalves. Carvão e suor,** da série Mineiros do Butiá, sem data. Xilogravura sobre papel, 24 x 32,8 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. **26. Danúbio Gonçalves.** sem título, da série Mineiros do Butiá, 1954. Xilogravura sobre papel, 20,1 x 25,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. **27. Danúbio Gonçalves.** sem título, da série Mineiros do Butiá, 1959. Xilogravura sobre papel, 20,5 x 27 cm. Coleção Paulo Dalacorte. **28. Danúbio Gonçalves.** sem título, da série Mineiros do Butiá, 1959. Xilogravura sobre papel, 20,1 x 26 cm. Coleção Paulo Dalacorte. **29. Danúbio Gonçalves.** sem título, da série Mineiros do Butiá, 1959. Xilogravura sobre papel, 19 x 21,2 cm. Coleção Paulo Dalacorte. **30. Danúbio Gonçalves. Zorrais,** da série Xarqueada, 1953. Xilogravura sobre papel, 18 x 24,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **31. Danúbio Gonçalves. Carneadores,** da série Xarqueada, C.1953. Xilogravura sobre papel, 19 x 24,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **32. Danúbio Gonçalves. Espera,** da série Xarqueada, 1952. Xilogravura sobre papel, 20 x 20 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **33. Danúbio Gonçalves. Manteiro,** da série Xarqueada, 1953. Xilogravura sobre papel, 19 x 21 cm. Coleção Sandra Gonçalves. **34. Danúbio Gonçalves. Matambreiros,** da série Xarqueada, 2000. Serigrafia sobre papel (a partir da xilogravura original de 1953), 16 x 18 cm. Acervo Galeria Duque. **35. Danúbio Gonçalves. Picador,** da série Xarqueada, 1953. Xilogravura sobre papel. 18 x 20 cm. Coleção Sandra Gonçalves. **36. Danúbio Gonçalves. Tirador de carretilha,** da série Xarqueada, 1952. Xilogravura sobre papel, 17 x 26,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp.

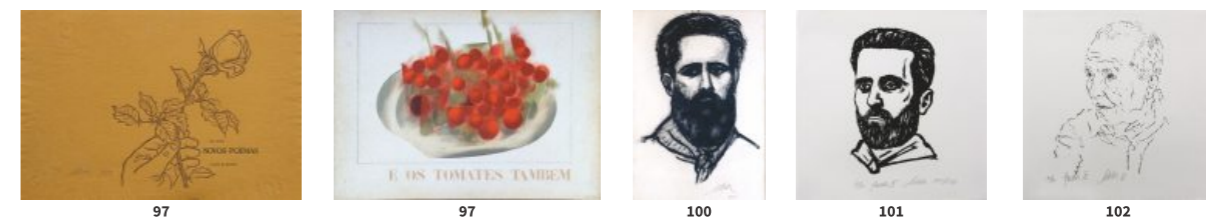
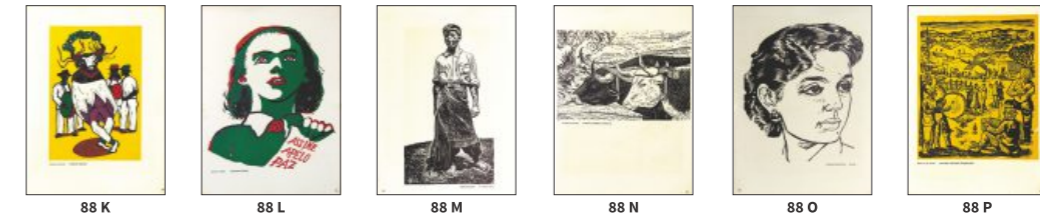
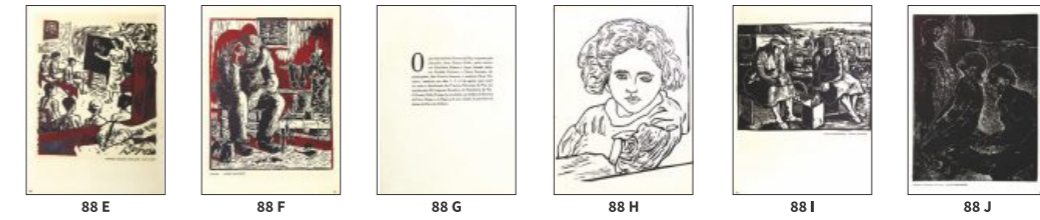
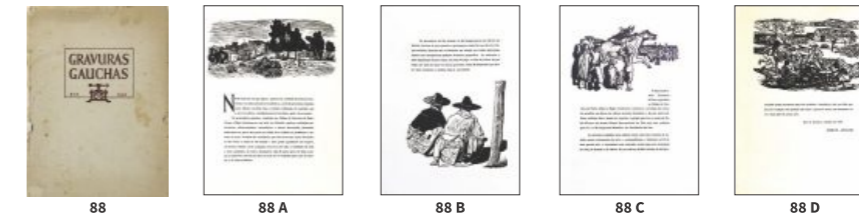
**43. Danúbio Gonçalves. Salga,** da série Xarqueada, 1953. Xilogravura sobre papel, 16 x 21 cm. Acervo Galeria Duque. **44. Glênio Bianchetti. Pilão,** déc. 1960. Pintura sobre madeira, 217 x 158 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **45. Glênio Bianchetti. Almoço,** 1955. Linoleogravura sobre papel, 47 x 69,9 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, 1994. **46. Glênio Bianchetti. Fim de jornada,** 1955. Linoleogravura e pochoir a cores sobre papel, 50,5 x 79,2 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, 1995. **47. Glênio Bianchetti.** sem título, 1952. Xilogravura sobre papel, 23,5 x 27 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **48. Glênio Bianchetti.** sem título, 1952. Xilogravura sobre papel, 29,7 x 21 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **49. Glênio Bianchetti. Jogo do Osso,** 1955. Linóleo sobre papel, 20 x 30 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição através do Prêmio Aquisição no Concurso de Gravura da SEC, 1956. **50. Glauco Rodrigues. Do campo de futebol,** 1952. Linoleogravura sobre papel, 24 x 20 cm. Coleção Paulo Dalacorte. **51. Carlos Scliar. Cavalete II,** 1955. Linóleo e pochoir sobre papel, 27 x 20 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1956. **52. Glênio Bianchetti.** sem título, sem data. Xilogravura sobre papel, 26 x 21 cm. Coleção Paulo Dalacorte. **53. Glênio Bianchetti.** sem título, 1952. Xilogravura sobre papel, 25,5 x 21 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **54. Carlos Scliar. Sesta IV,** 1955. Linoleogravura e pochoir a cores sobre papel, 45,5 x 61 cm. Coleção Paulo Dalacorte. **55. Carlos Scliar. Sesta,** 1955. Linóleo e camaieu sobre papel, 28,5 x 33,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição através do Prêmio do Concurso da Secretaria de Educação e Cultura: Costumes e Tradições Gaúchas, 1956. **56. Carlos Scliar.** sem título, 1974. Linóleo e pochoir sobre papel, 20,5 x 21 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 1984. **57. Carlos Scliar. Estância: Sesta II,** 1954. Linóleo e pochoir sobre papel, 28,4 x 43 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por Transferência da Biblioteca Pública do Estado RS, 1956. **58. Carlos Scliar. Estância: interior de galpão,** 1955. Linóleo e pochoir sobre papel, 28,5 x 42 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1956. **59. Carlos Scliar. Cavalete com arreios,** 1955. Xilogravura e camaieu sobre papel, 26,2 x 28,6 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição através do Prêmio do Concurso da Secretaria de Educação e Cultura: Costumes e Tradições Gaúchas, 1956. **60. Carlos Scliar. Sesta I,** 1953. Linóleo e pochoir sobre papel, 27,8 x 43 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1956. **61. Glauco Rodrigues. Paisagem gaúcha,** 1954. Linoleogravura sobre papel, 24 x 33,5 cm. Coleção de gravuras de Paulo Dalacorte. **62. Carlos Scliar.** sem título, 1968. Serigrafia sobre papel, 58,5 x 37,4 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 1984. **63. Glênio Bianchetti. Velha,** 1951. Xilogravura sobre papel, 22,1 x 15,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. **64. Glênio Bianchetti. 1ª série,** 1951. Xilogravura sobre papel, 27,5 x 21,5 cm. Coleção Renato Rosa. **65. Glênio Bianchetti. Flores,** 1952. Linoleogravura sobre papel, 26 x 21,1 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, 1994.



SALA 3 - 4º PAVIMENTO



65. Danúbio Gonçalves. 1ª série, 1951. Xilografia sobre papel, 14,5 x 14,2 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 66. Glênio Bianchetti. 1ª série, 1951. Xilografia sobre papel, 17,5 x 25,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 67. Carlos Scliar. 1ª série, 1952. Xilografia sobre papel, 18 x 23,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 68. Glaucio Rodrigues. 1ª série, 1951. Linoleografia sobre papel, 14 x 28,5 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 69. Carlos Scliar. Fazenda, 1955. Guache sobre papel, 32 x 63 cm. Pinacoteca Aldo Locatelli Prefeitura de Porto Alegre. 70. Glaucio Rodrigues. Estudo de cavalos, 1953. Guache sobre papel, 27 x 43 cm. Coleção particular. 71. Glênio Bianchetti. Galos e galinhas, 1952. Óleo sobre tela, 46 x 38 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. 72. Glaucio Rodrigues. sem título, 1953. Grafite e guache sobre papel, 32,5 x 44,5 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio. 73. Carlos Scliar. sem título, 1955. Grafite sobre papel, 32 x 48 cm. Acervo da Pinacoteca de São Paulo. Doação de Emanuel Araujo, 1993. 74. Carlos Scliar. Galpão, 1955. Grafite sobre papel, 32 x 48 cm. Acervo da Pinacoteca de São Paulo. Doação de Emanuel Araujo, 1993. 75. Carlos Scliar. Galpão, 1955. Linóleo e camafeu sobre papel, 25 x 43,3 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição através do Prêmio do Concurso da Secretaria de Educação e Cultura: Costumes e Tradições Gaúchas, 1956. 76. Carlos Scliar. Porteira, 1955. Linóleo e camafeu sobre papel, 32,4 x 46 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição através do Prêmio do Concurso da Secretaria de Educação e Cultura: Costumes e Tradições Gaúchas, 1956. 77. Glênio Bianchetti. Água de pipa, 1956. Linoleografia sobre papel, 27,2 x 40,4 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 78. Glênio Bianchetti. Pilão, 1955. Linoleografia sobre papel, 31 x 22 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 79. Glênio Bianchetti. Afiação do machado, 1956. Linoleografia sobre papel, 30,3 x 23 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 80. Glênio Bianchetti. Traçado, 1955. Linoleografia sobre papel, 31 x 22 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 81. Danúbio Gonçalves. Minas do Butiá, 1955. Grafite e aquarela sobre papel, 48,3 x 32,1 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 82. Danúbio Gonçalves. Minas do Butiá, 1955. Grafite e aquarela sobre papel, 48,7 x 32 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 83. Danúbio Gonçalves. Minas do Butiá, 1955. Grafite e aquarela sobre papel, 47,7 x 32 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 84. Danúbio Gonçalves. Minas do Butiá, 1955. Grafite e aquarela sobre papel, 30,3 x 23 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 85. Danúbio Gonçalves. Estudo para gravura, 1956. Grafite, nanquim e aquarela sobre papel, 21,3 x 29,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 86. Danúbio Gonçalves. Estudo para gravura, sem data. Grafite e nanquim sobre papel, 20,6 x 24,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014. 87. Danúbio Gonçalves. Estudo para gravura, 1956. Grafite e nanquim sobre papel, 21,6 x 29,1 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Transferência do Museu Estadual do Carvão – RS, 2014.



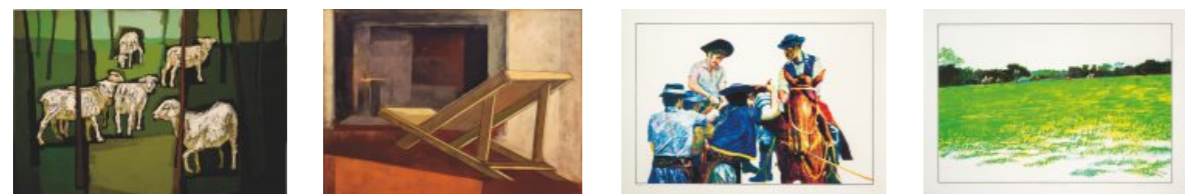
SALA 3

88. Seleção de páginas do álbum "Gravuras Gaúchas", 1952. 89. Carlos Scliar. Cartaz para "Gravuras de Carlos Scliar 1942-1955", c.1955. Linoleografia sobre papel, 65,5 x 48 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. 90. Carlos Scliar. Bumba meu boi (edição do Clube de Gravura de Porto Alegre para o programa do "Recital de Música Folclórica Brasileira"), 1950. Linoleografia a 5 cores sobre papel, 23 x 16 cm. Coleção Paulo Dalacorte. 91. Folder na 1ª exposição do Clube de Gravura na Biblioteca Pública de São Paulo, 1952. Coleção Paulo Dalacorte. 92. Carlos Scliar. Ponche emalado, serigote e pelegos, 1955. Linóleo e pochoir sobre papel, 13,5 x 28,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1956. 93. Carlos Scliar. sem título, 1974. Linóleo e pochoir sobre papel, 22,5 x 18 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 1984. 94. Carlos Scliar. Capa da revista Horizonte, 1952. Linoleografia e tipografia sobre papel, 33 x 48,2 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. 95. Carlos Scliar. Edição comemorativa do 1º aniversário do Manifesto de Agosto, do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional, 1951. Xilografia sobre papel, 22 x 32,6 cm. Coleção Paulo Dalacorte. 96. Carlos Scliar. Cartaz da exposição "A gravura através dos tempos", 1955. Serigrafia sobre papel, 41,3 x 40,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por transferência do Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS, 2014. 97. Carlos Scliar. Lila Ripoll, 1953. Linoleografia sobre papel, 23,2 x 20,3 cm. Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Doação do artista, 1994. 98. Carlos Scliar. Capa do livro "Novos Poemas" de Lila Ripoll, 1951. Linoleografia e tipografia sobre papel, 28,9 x 41,6 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. 99. Carlos Scliar. E tomates também, 1975. Tinta vinílica encerada sobre tela, 26 x 36 cm. Acervo Instituto Cultural Carlos Scliar. 100. Carlos Scliar. Retrato de Luís Carlos Prestes, 1950. Guache sobre papel, 45,5 x 33,5 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio. 101. Carlos Scliar. Prestes II, 1988. Litografia sobre papel, 41,3 x 40,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 102. Carlos Scliar. Prestes IX, 1988. Litografia sobre papel, 41,3 x 40,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000.

SALA 4 - 3º PAVIMENTO



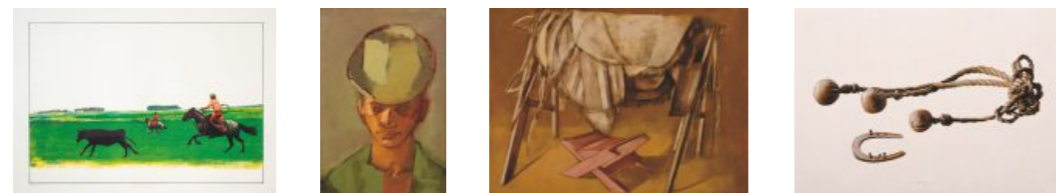
103 104 105 106 107



108 109 110 111



112 113 114 115



116 117 118 119

SALA

103. **Glênio Bianchetti. Os girassóis**, 1976. Tinta acrílica sobre tela colada em madeira, 54 x 40 cm. Pinacoteca FUNDACRED de ate Rio-Grandense. 104. **Danúbio Gonçalves. Agregado**, 1976. Tinta acrílica sobre tela, 59 x 88 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 105. **Carlos Scliar. Paisagem**, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 55 x 75 cm. Pinacoteca FUNDACRED de ate Rio-Grandense. 106. **Danúbio Gonçalves. Umbu**, 1976. Óleo sobre tela, 70 x 64 cm. Pinacoteca FUNDACRED de ate Rio-Grandense. 107. **Glênio Bianchetti. Cabeça de cavalo**, 1976. Tinta acrílica sobre tela colada em madeira, 40 x 54 cm. Pinacoteca FUNDACRED de ate Rio-Grandense. 108. **Glênio Bianchetti. sem título**, 1976. Tinta acrílica sobre tela, 67 x 97 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1982. 109. **Carlos Scliar. Banca e lareira cambonas**, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 55 x 75 cm. Pinacoteca FUNDACRED de ate Rio-Grandense. 110. **Glauc Rodrigues. Desabotoando o buçal**, 1976. Serigrafia sobre papel, 48 x 66 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 111. **Glauc Rodrigues. Escapou o laço**, 1976. Serigrafia sobre papel, 48 x 66 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 112. **Glauc Rodrigues. Amadrinhando**, 1976. Serigrafia sobre papel, 48 x 66 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. 113. **Glauc Rodrigues. Três ginetes**, 1976. Serigrafia sobre papel, 48,1 x 66 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. 114. **Glauc Rodrigues. Cancha reta**, 1976. Serigrafia sobre papel, 48,1 x 66 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. 115. **Glauc Rodrigues. Gineteada em pelo**, 1976. Serigrafia sobre papel, 48,1 x 66 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. 116. **Glauc Rodrigues. Preparando para laçar**, 1976. Serigrafia sobre papel, 48 x 66 cm. Museu da Gravura Brasileira/FAT/Urcamp. 117. **Carlos Scliar. Jovem oleiro**, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 56 x 37 cm. Pinacoteca FUNDACRED de ate Rio-Grandense. 118. **Carlos Scliar. Cavalete com arreios e banquinho**, 1976. Tinta vinílica encerada sobre tela, 75 x 95 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 119. **Glauc Rodrigues. Boleadora e ferradura**, 1976. Óleo sobre tela colada em aglomerado, 54 x 74,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por compra, 1982.

SALA 5 (página ao lado)

120. **Carlos Scliar**. sem título, 1989. Serigrafia sobre papel, 31 x 38 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 121. **Carlos Scliar**. sem título, 1989. Serigrafia sobre papel, 31,5 x 45,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 122. **Carlos Scliar. Natureza-morta com vários objetos**, 1991. Tinta vinílica e colagem encerados sobre tela, 69 x 103,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. 123. **Carlos Scliar**. sem título, 1989. Serigrafia sobre papel, 33,5 x 48 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 124. **Carlos Scliar**. sem título, 1989. Serigrafia sobre papel, 31,3 x 43 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 125. **Carlos Scliar. Vaso com Flores e etc e você o que está me olhando?**, 1968. Colagem, papel e tinta vinílica encerada sobre madeira, 76,5 x 56 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio. 126. **Danúbio Gonçalves. Aves no quintal**, 1960. Óleo e resina damar sobre tela colada em aglomerado, 60 x 72,5 cm. Coleção Sandra Gonçalves. 127. **Danúbio Gonçalves. Forneira**, 1965. Óleo e resina damar sobre aglomerado, 49 x 61 cm. Coleção Sandra Gonçalves. 128. **Danúbio Gonçalves. Varal**, 1964. Pintura sobre aglomerado, 85 x 59 cm. Coleção particular. 129. **Danúbio Gonçalves. Paisagem flutuante**, 1965. Óleo e resina damar sobre aglomerado, 100 x 60 cm. Coleção Sandra Gonçalves. 130. **Danúbio Gonçalves. Cena religiosa**, 1960. Óleo sobre tela colada em aglomerado, 104 x 126 cm. Coleção Sandra Gonçalves. 131. **Danúbio Gonçalves. Candomblé**, 1960. Óleo sobre aglomerado, 63 x 93 cm. Coleção particular. 132. **Danúbio Gonçalves. Mãe de Santo**, 1960. Tinta vinílica encerada sobre tela colada em aglomerado, 64 x 50 cm. Coleção Sandra Gonçalves.

SALA 5 - 3º PAVIMENTO



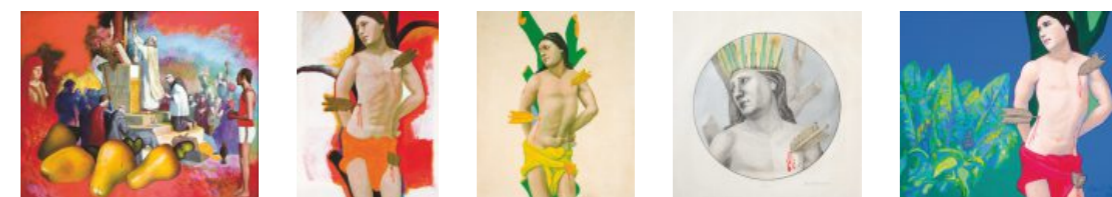
120 121 122 123



124 125 126 127



128 129 130 131 132



133 134 135 136 137



138 139 140 141



142 143 144 145 146 147

133. **Glauc Rodrigues. Segunda missa no Brasil (dita "a da posse", d'après Vitor Meirelles)**, 1996. Tinta acrílica sobre tela, 130 x 161 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Brasil Connects. 134. **Glauc Rodrigues. São Sebastião hedonista**, 1983. Tinta acrílica sobre tela colada em madeira, 130 x 97 cm. Coleção Museu Nacional de Belas Artes/Ibram/Ministério da Cidadania. 135. **Glauc Rodrigues. São Sebastião de Bagé com verde, amarelo e azul**, da série Visão da terra, 1977. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 55 x 46 cm. Coleção Renato Rosa. 136. **Glauc Rodrigues. Oxosse**, 1981. Litografia sobre papel, 50 x 50 cm. Coleção Zeca Brito. 137. **Glauc Rodrigues. São Sebastião, padroeiro de Bagé e do Rio de Janeiro**, 1999. Tinta acrílica sobre tela, 45 x 55 cm. Coleção Marilu e Sapiran Brito. 138. **Glauc Rodrigues. Um dia de verão - Pau Brasil**, 1976. Tinta vinílica sobre tela colada em madeira, 73 x 60 cm. Pinacoteca FUNDACRED de ate Rio-Grandense. 139, 140 e 141. **Glauc Rodrigues. Tradição, passado e futuro**, 1997. Tinta acrílica sobre tela, 100 x 74 cm; 99 x 149 cm; 100 x 74 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. 142. **Danúbio Gonçalves. Salam Alikum**, 1982. Litografia sobre papel, 52,5 x 37,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, s.d.. 143. **Carlos Scliar**. sem título, 1975. Serigrafia sobre papel, 39,4 x 55,7 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2000. 144. **Danúbio Gonçalves**. sem título, 1982. Grafite e aquarela sobre papel, 20 x 15 cm. Coleção Sandra Gonçalves. 145. **Danúbio Gonçalves. Mercado**, 1982. Grafite e aquarela sobre papel, 20 x 15 cm. Coleção Sandra Gonçalves. 146. **Danúbio Gonçalves. Mercado**, 1982. Grafite e aquarela sobre papel, 20 x 15 cm. Coleção Sandra Gonçalves. 147. **Danúbio Gonçalves. Camponesas do RIF**, 1982. Grafite e aquarela sobre papel, 20 x 15 cm. Coleção Sandra Gonçalves.

SALA 6 - 3º PAVIMENTO



148



149



150



151



152



153



154



155



156



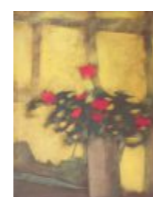
157



158



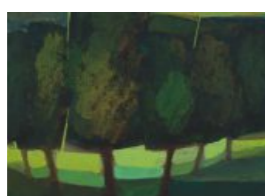
159



160



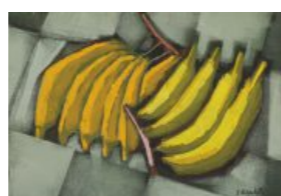
161



162



163



164



165



166



167



168



169



170



171

SALA 6

**148. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 54,5 x 76,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **149. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 54,5 x 77 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **150. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 55 x 76 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **151. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 54,5 x 77 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **152. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 55 x 76,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **153. Carlos Scliar. Homenagem a Erico,** 1975. Tinta vinílica encerada sobre aglomerado, 56 x 37 cm. Coleção particular. **154. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 51,5 x 74,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **155. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 37,5 x 55,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **156. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 27,5 x 38,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **157. Glauco Rodrigues.** Da minissérie "O tempo e o vento", 1985. Aquarela sobre papel, 36 x 55,5 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação da Rede Globo, 1986. **158. Glênio Bianchetti.** sem título, 1993. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 160x110cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **159. Carlos Scliar. Folhagens na janela,** 1985. Tinta vinílica sobre madeira, 74,5 x 55 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio. **160. Carlos Scliar. Flores no fim da tarde,** 1981. Tinta vinílica e colagem encerada sobre tela colada em madeira, 75 x 55 cm. Coleção Gilberto Chateaubriand MAM Rio. **161. Glênio Bianchetti. Paranoá,** 1990. Tinta acrílica sobre tela, 40 x 54 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **162. Glênio Bianchetti,** sem título, 1992. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 58,5x76cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **163. Glênio Bianchetti. Mesa com melancias,** 1993. Tinta acrílica sobre tela colada em aglomerado, 110x160cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **164. Glênio Bianchetti. Bananas,** 2011. Tinta acrílica sobre tela, 27 x 39 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **165. Glênio Bianchetti. Natureza-morta,** 1967. 74 x 54 cm. Coleção Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **166. Glênio Bianchetti. Péras sobre toalha,** 1997. Tinta acrílica sobre tela, 26 x 38 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **167. Glênio Bianchetti. Alhos,** 1981. Tinta acrílica sobre tela, 26 x 24 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **168. Glênio Bianchetti. Violências,** 1977. 76 x 55 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **169. Glênio Bianchetti.** 55 x 39 cm. Acervo Casa Ateliê Glênio Bianchetti. **170. Glauco Rodrigues.** sem título, cópia de estilo de Ione Saldanha, 1964. Óleo sobre tela, 45 x 60 cm. Coleção Zeca Brito. **171. Glênio Bianchetti. Homem no cavalo branco,** 2011. Tinta acrílica sobre tela, 160 x 110 cm. Acervo do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli. Aquisição por doação do artista, 2006.

AGRADECIMENTOS

A Fundação Iberê agradece o apoio e a colaboração de instituições e amigos parceiros que tornaram possível a realização dessa exposição.

Adriana Boff, Ailema Bianchetti, Alcir Brito, Andreia Duprat, Ângela Bianchetti, Anico Herskovits, Arnaldo Buzz, Blanca Brites, Calito Moura, Camila Vitti, Carmen Barros, Cildo Meireles, Cláudia Rocha, Cristina Ventura, Deny Bonorino, Eduardo Veras, Eunice Scliar, Fernanda D'Agostino, Fernanda Veríssimo, Fernando Zago, Flávio Krawczyk, Francisco Dalcol, Giordano Gio, Heloísa Beckman, Henrique de Freitas Lima, Hugo Gusmão Rodrigues, Lúcia Helena Verissimo, Lucy Niemeyer, Luís Fernando Verissimo, Luiz Coronel, Marco Mafrá, Marcus de Lontra Costa, Maria Beatriz e Eduardo Irigoyen, Maria Luíza Pêgas, Maria Tereza Medeiros, Marilú e Sapiran Brito, Marília Panitz, Marta Loguércio, Miriam Tolpolar, Mônica Xexéo, Norma Estellita Pessôa, Paulo Amaral, Paulo Chimendes, Paulo Dalacorte, Paulo Gomes,

Rafael Guarda Laterza, Rafael Port da Rocha, Raul Holtz, Regina Lamenza, Renato Barbieri, Renato Rosa, Rene Gabriel Junior, Roger Lerina, Rolf Udo Zelmanowicz, Sandra Gonçalves, Sônia Wagner, Verônica Cavalcante, Wellington Ricardo Machado da Silva, Wilson Cavalcanti (Cava), Zeca Brito.

Casa de Cultura Pedro Wayne - Bagé, RS.  
Fundacred - Porto Alegre, RS.  
Galeria da Duque - Porto Alegre, RS.  
IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus, DF.  
Instituto Cultural Carlos Scliar - Cabo Frio, RJ.  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.  
Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli - Porto Alegre, RS.  
Museu da Comunicação Hipólito José da Costa - Porto Alegre, RS.  
Museu Dom Diogo de Souza - Bagé, RS.  
Museu da Gravura Brasileira - Bagé, RS.  
Museu Nacional de Belas Artes, RJ.  
Museu do Trabalho - Porto Alegre, RS.  
Pinacoteca Aldo Locatelli - Porto Alegre, RS.  
Pinacoteca do Estado de São Paulo.  
UFRGS/FABICO-Cedap.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**AMARAL,** Aracy A.. Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira 1930 – 1970. São Paulo: Studio Nobel, 2003  
**BASSO,** Eliane Fátima Corti. Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira. Rio de Janeiro : Secretaria Especial de Comunicação Social, 2008.  
**BRITO,** José Teixeira de. Glauco Rodrigues e sua obra: trânsitos no tempo. 2018. 235 f. Dissertação (Mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.  
**DUPRAT,** Andrea Carolina Duarte. Clube de Gravura de Porto Alegre e Revista Horizonte (1949 – 1956): arte e projeto político. 2017. 283 f. Dissertação (Mestrado em História, Teoria e Crítica de Arte) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.  
**DUPRAT,** Andrea Carolina Duarte. Revista Horizonte (1949 – 1956): Imagem impressa e questões políticas. 2013. 243 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.  
**SCARINCI,** Carlos. A gravura no Rio Grande do Sul 1900 – 1980. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982  
**WAYNE,** Ernesto. Pedro Wayne. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.  
**WAYNE,** Pedro. Xarqueadas. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro - Movimento, 1982



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA. EM 2019, AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS.

EDUCATIVO



EXPOSIÇÕES



ATELIÊ DE GRAVURA



IBERÊ NAS ESCOLAS



PATROCÍNIO



APOIO



AUDITORIA



REALIZAÇÃO



DOADORES: INSTITUTO LING - DIGICON - PERTO CLUBE IBERÊ | PATRONOS: JORGE GERDAU JOHANNPETER - OLGA VELHO  
 CLUBE IBERÊ | SÓCIOS: ANA LOGEMANN - ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO - BEATRIZ JOHANNPETER - BETH LOGEMANN - CAROLINE KRELING - CECÍLIA SCHIAVON  
 DULCE HELENÉ GOETTENS - GLAUCIA STIFELMAN - JOSÉ LUIZ CANAL - MAIRA CALEFFI - MARIANA RECK HERTZ - PATRICE GAIDZINSKI - PATRICK LUCHESE - SANDRA ECHEVERRIA - SILVANA ZANON  
 PARCEIROS EM COMUNICAÇÃO: ISEND - MACHADO TI - TRADUZCA PARCERIA EM HOTEL: PLAZA SÃO RAFAEL - SHERATON PORTO ALEGRE HOTEL PARCEIROS INSTITUCIONAIS: IFRS - TECNOPOUC

